

ISSN 1806-6445

v. 11 • n. 20 • jun./dez. 2014

sur  
v

20

EDIÇÃO COMEMORATIVA  
DIREITOS HUMANOS EM MOVIMENTO



**CONECTAS**  
DIREITOS HUMANOS

## CONSELHO EDITORIAL

**Christof Heyns** Universidade de Pretoria (África do Sul)  
**Emilio García Méndez** Universidade de Buenos Aires (Argentina)  
**Fifi Benaboud** Centro Norte-Sul do Conselho da União Européia (Portugal)

**Fiona Macaulay** Universidade de Bradford (Reino Unido)  
**Flavia Piovesan** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil)  
**J. Paul Martin** Universidade de Columbia (Estados Unidos)  
**Kwame Karikari** Universidade de Gana (Gana)  
**Mustapha Kamel Al-Sayyid** Universidade do Cairo (Egito)  
**Roberto Garretón** Ex-Funcionário do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (Chile)  
**Upendra Baxi** Universidade de Warwick (Reino Unido)

## EDITORES

Pedro Paulo Poppovic  
Oscar Vilhena Vieira

## EDITORES EXECUTIVOS

Maria Brant – Editora Executiva  
Thiago Amparo – Editor Convidado  
Luz González – Editora Assistente

## CONSELHO EXECUTIVO

Albertina de Oliveira Costa, Ana Cernov, Conrado Hubner Mendes,  
Glenda Mezarobba, Juana Kweitel, Laura Waisbich, Lucia Nader,  
Luz González, Manoela Miklos, Maria Brant, Thiago Amparo

## EDIÇÃO

Luz González, Thiago Amparo, Tânia Rodrigues

## REVISÃO DE TRADUÇÕES

### ESPAANHOL

Carolina Fairstein, Celina Lagrutta, Erika Sanchez Saez,  
Josefina Cicconetti, Laia Fargas Fursa

### PORTUGUÊS

Caio Borges, Erika Sanchez Saez, Renato Barreto, Marcela Vieira

### INGLÊS

Murphy McMahon, Oliver Hudson, The Bernard and Audre Rapoport  
Center for Human Rights and Justice  
(University of Texas, Austin), Tina Amado

## PROJETO GRÁFICO

Oz Design

## EDIÇÃO DE ARTE

Alex Furini

## ARTE DA CAPA

Mariana Bernd

## FOTOGRAFIA DA CAPA

Renato Stockler

## CIRCULAÇÃO

Beatriz Kux

## IMPRESSÃO

Yangraf Gráfica e Editora Ltda.

## COMISSÃO EDITORIAL

**Alejandro M. Garro** Universidade de Columbia (Estados Unidos)  
**Bernardo Sorj** Universidade Federal do Rio de Janeiro / Centro Edelstein (Brasil)

**Bertrand Badie** Sciences-Po (França)

**Cosmas Gitta** PNUD (Estados Unidos)

**Daniel Mato** CONICET / Universidade Nacional Tres de Febrero (Argentina)

**Daniela Ikawa** Rede Internacional para os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais/ Universidade de Columbia (Estados Unidos)

**Ellen Chapnick** Universidade de Columbia (Estados Unidos)

**Ernesto Garzon Valdes** Universidade de Mainz (Alemanha)

**Fateh Azzam** Fundo Árabe para os Direitos Humanos (Líbano)

**Guy Haarscher** Universidade Livre de Bruxelas (Bélgica)

**Jeremy Sarkin** Universidade de Western Cape (África do Sul)

**João Batista Costa Saraiva** Juizado Regional da Infância e da Juventude de Santo Ângelo/RS (Brasil)

**José Reinaldo de Lima Lopes** Universidade de São Paulo (Brasil)

**Juan Amaya Castro** Universidade de Amsterdam (Países Baixos)/ Universidade para a Paz (Costa Rica)

**Lucia Dammert** Consórcio Global para a Transformação da Segurança (Chile)

**Luigi Ferrajoli** Universidade de Roma (Itália)

**Luiz Eduardo Wanderley** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil)

**Malak El-Chichini Poppovic** Conectas Direitos Humanos (Brasil)

**Maria Filomena Gregori** Universidade de Campinas (Brasil)

**Maria Hermínia Tavares Almeida** Universidade de São Paulo (Brasil)

**Miguel Cillero** Universidade Diego Portales (Chile)

**Mudar Kassis** Universidade Birzeit (Palestina)

**Paul Chevigny** Universidade de Nova York (Estados Unidos)

**Philip Alston** Universidade de Nova York (Estados Unidos)

**Roberto Cuéllar M.** Instituto Interamericano de Direitos Humanos (Costa Rica)

**Roger Raupp Rios** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil)

**Shepard Forman** Universidade de Nova York (Estados Unidos)

**Victor Abramovich** Universidade de Buenos Aires (Argentina)

**Victor Topanou** Universidade Nacional do Benin (Benin)

**Vinodh Jaichand** Centro Irlandês de Direitos Humanos, Universidade Nacional da Irlanda (Irlanda)

**SUR – Revista Internacional de Direitos Humanos** é uma revista semestral, publicada em inglês, português e espanhol pela Conectas Direitos Humanos. Está disponível na internet em <<http://conectas.org/pt/acoes/sur>>.

SUR está indexada nas seguintes bases de dados: IBSS (International Bibliography of the Social Sciences); ISN Zurich (International Relations and Security Network); DOAJ (Directory of Open Access Journals) e SSRN (Social Science Research Network). Além disso, Revista Sur está disponível nas seguintes bases comerciais: EBSCO e HEINonline, ProQuest e Scopus. SUR foi qualificada como A1 (Colômbia) e A2 (Qualis, Brasil).

SUR. Revista Internacional de Direitos Humanos / Sur – Rede Universitária de Direitos Humanos – v.1, n.1, jan.2004 – São Paulo, 2004 - .

Semestral

ISSN 1806-6445

Edições em Inglês, Português e Espanhol.

1. Direitos Humanos 2. ONU I. Rede Universitária de Direitos Humanos

# Direitos Humanos em Movimento

## SUMÁRIO

|  |            |  |
|--|------------|--|
| LUCIA NADER, JUANA KWEITEL,<br>& MARCOS FUCHS        | <b>7</b>   | Apresentação   |
| PERFIL DE PEDRO PAULO POPPOVIC                       | <b>11</b>  | “Não criamos a Revista Sur porque tínhamos certezas, mas porque estávamos cheios de dúvidas”   |
| MALAK EL-CHICHINI POPPOVIC E<br>OSCAR VILHENA VIEIRA | <b>17</b>  | Perspectivas sobre o movimento internacional de direitos humanos no século XXI: As respostas mudam   |
| <b>LINGUAGEM</b>                                     |            |  |
| SARA BURKE   | <b>27</b>  | O que uma época de protestos globais diz a respeito da eficácia dos direitos humanos como linguagem para alcançar mudanças sociais                   |
| VINODH JAICHAND                                      | <b>37</b>  | Após o estabelecimento de normas de direitos humanos, o que virá a seguir?   |
| DAVID PETRASEK                                       | <b>47</b>  | Tendências globais e o futuro da defesa e promoção dos direitos humanos  |
| SAMUEL MOYN  | <b>61</b>  | O futuro dos direitos humanos  |
| STEPHEN HOPGOOD                                      | <b>71</b>  | Desafios para o Regime Global de Direitos Humanos: Os direitos humanos ainda são uma linguagem eficaz para a mudança social?                         |
| EMILIO ÁLVAREZ ICAZA                                 | <b>81</b>  | Os direitos humanos como meio eficaz para produzir mudanças sociais  |
| ENTREVISTA COM RAQUEL ROLNIK                         | <b>85</b>  | Sistema de Procedimentos Especiais da ONU é “controlado para não ter efeito”   |
| ENTREVISTA COM<br>PAULO SÉRGIO PINHEIRO              | <b>95</b>  | “Fora dos direitos humanos não vejo solução para atender às vítimas”   |
| ENTREVISTA COM KUMI NAIDOO                           | <b>101</b> | “O Estado de Direito consolidou todas as injustiças que existiam antes dele”   |
| <b>TEMAS</b>   |            |  |
| JANET LOVE   | <b>109</b> | Estariamos despolitizando o poder econômico? A deliberada irresponsabilidade corporativa e a resposta burocrática dos defensores de direitos humanos |
| PHIL BLOOMER   | <b>119</b> | Os direitos humanos são uma ferramenta eficaz para a mudança social?: Uma perspectiva sobre direitos humanos e empresas                              |
| GONZALO BERRÓN                                       | <b>127</b> | Poder econômico, democracia e direitos humanos. Um novo debate internacional sobre direitos humanos e empresas                                       |
| DIEGO LORENTE PÉREZ<br>DE EULATE                     | <b>137</b> | Problemas e desafios das organizações e redes de migrações e direitos humanos na Mesoamérica   |
| GLORIA CAREAGA PÉREZ                                 | <b>147</b> | A proteção dos direitos LGBTI, um panorama incerto   |

---

ARVIND NARRAIN **155** Brasil, Índia, África do Sul: Constituições transformadoras e seu papel nas lutas LGBT

---

SONIA CORRÊA **171** Potências emergentes: Seria a sexualidade e os direitos humanos um assunto secundário?

---

CLARA SANDOVAL **185** Justiça de transição e mudança social

---

## PERSPECTIVAS

---

NICOLE FRITZ **197** Litígio em direitos humanos na África Austral: Dificuldades em rebater opinião pública prevalecente

---

MANDIRA SHARMA **205** Pondo as leis em funcionamento: Experiências do *Advocacy Forum* na prevenção da tortura no Nepal

---

MARIA LÚCIA DA SILVEIRA **219** Direitos humanos e mudanças sociais em Angola

---

SALVADOR NKAMATE **225** A luta pela afirmação dos direitos humanos em Moçambique: Os avanços e os retrocessos

---

HARIS AZHAR **233** A luta pelos direitos humanos na Indonésia: Avanços internacionais, impasses internos

---

HAN DONGFANG **243** Vislumbrando um futuro democrático na China

---

ANA VALÉRIA ARAÚJO **253** Desafios de sustentabilidade da agenda de direitos humanos no Brasil

---

MAGGIE BEIRNE **263** Estaríamos jogando fora o bebê com a água do banho? A dinâmica Norte-Sul na perspectiva do trabalho em direitos humanos na Irlanda do Norte

---

ENTREVISTA COM MARÍA-I. FAGUAGA IGLESIAS **271** "As particularidades de Cuba nem sempre são identificadas ou compreendidas pelos ativistas de direitos humanos de outros países"

---

## VOZES

---

FATEH AZZAM **279** Por que devemos ter que "representar" alguém?

---

MARIO MELO **289** Vozes da selva no estrado da Corte Interamericana de Direitos Humanos

---

ADRIAN GURZA LAVALLE **299** ONGs, direitos humanos e representação

---

JUANA KWEITEL **311** Experimentação e inovação em matéria de prestação de contas nas organizações de direitos humanos da América Latina

---

PEDRO ABRAMOVAY E HELOISA GRIGGS **329** Minorias democráticas em democracias do século 21

---

JAMES RON, DAVID CROW E SHANNON GOLDEN **343** Familiaridade com direitos humanos e *status* socioeconômico: Um estudo sobre quatro países

---

CHRIS GROVE **363** Construindo um movimento global para tornar direitos humanos e justiça social uma realidade para todos

---

ENTREVISTA COM MARY LAWLOR E ANDREW ANDERSON **375** "O papel das organizações internacionais deve ser apoiar os defensores locais"

---

## FERRAMENTAS

- |   |            |  |
|---|------------|--|
| GASTÓN CHILLIER E<br>PÉTALLA BRANDÃO TIMO       | <b>385</b> | O movimento global de direitos humanos no século XXI: Reflexões sob a perspectiva de uma ONG nacional de direitos humanos do Sul   |
| MARTIN KIRK                                     | <b>397</b> | Sistemas, cérebros e lugares silenciosos: Reflexões sobre o futuro das campanhas de direitos humanos                               |
| ROCHELLE JONES, SARAH<br>ROSENHEK E ANNA TURLEY | <b>411</b> | Organização de "apoio ao movimento": A experiência da Associação para os Direitos das Mulheres e o Desenvolvimento (AWID)          |
| ANA PAULA HERNÁNDEZ                             | <b>423</b> | Apoiando organizações locais: O trabalho do Fundo para os Direitos Humanos Globais no México                                       |
| MIGUEL PULIDO JIMÉNEZ                           | <b>433</b> | Ativismo em direitos humanos em tempos de saturação cognitiva. Falemos de ferramentas  |
| MALLIKA DUTT E NADIA RASUL                      | <b>441</b> | Conscientização digital: Uma análise das oportunidades e dos riscos enfrentados pelos ativistas de direitos humanos na era digital |
| SOPHEAP CHAK                                    | <b>453</b> | Influência das novas tecnologias de informação e comunicação no ativismo no Camboja  |
| SANDRA CARVALHO E<br>EDUARDO BAKER              | <b>465</b> | Experiências de litígio estratégico no Sistema Interamericano de Proteção dos Direitos Humanos                                     |
| ENTREVISTA COM<br>FERNAND ALPHEN                | <b>477</b> | "Desçam do pedestal"   |
| ENTREVISTA COM MARY KALDOR                      | <b>485</b> | "As ONGs não são a mesma coisa que sociedade civil, mas algumas ONGs têm o papel de facilitadoras"                                 |
| ENTREVISTA COM LOUIS BICKFORD                   | <b>491</b> | Convergência para o Centro Global: "Quem define a agenda global de direitos humanos e como"  |

## MULTIPOLARIDADE

- |  |            |   |
|--|------------|---|
| LUCIA NADER                                    | <b>499</b> | Organizações sólidas em um mundo líquido  |
| KENNETH ROTH                                   | <b>507</b> | Por que acolhemos parcerias em direitos humanos   |
| CÉSAR RODRÍGUEZ-GARAVITO                       | <b>515</b> | O futuro dos direitos humanos: Do controle à simbiose                                       |
| DHANANJAYAN SRISKANDARAJAH<br>E MANDEEP TIWANA | <b>529</b> | Rumo a uma sociedade civil multipolar   |
| ENTREVISTA COM EMILIE M.<br>HAFNER-BURTON      | <b>537</b> | "Evitar o uso do poder seria devastador para os direitos humanos"                           |
| ENTREVISTA COM MARK<br>MALLOCH-BROWN           | <b>545</b> | "Hoje somos um mundo extremamente multipolar, mas não somente composto por Estados-nação"   |
| ENTREVISTA COM SALIL SHETTY                    | <b>551</b> | "Organizações de direitos humanos devem colocar mais o pé no chão" ou como perdemos o bonde |
| ENTREVISTA COM<br>LOUISE ARBOUR                | <b>559</b> | "A solidariedade Norte-Sul é fundamental"   |

# APRESENTAÇÃO



## DIREITOS HUMANOS EM MOVIMENTO: UM MAPA PARA O FUTURO DE UM MOVIMENTO

Lucia Nader (Diretora Executiva, Conectas)  
Juana Kweitel (Diretora de Programas, Conectas)  
Marcos Fuchs (Diretor Adjunto, Conectas)

A **Revista Sur** foi criada há dez anos como um veículo para aprofundar e fortalecer os vínculos entre acadêmicos e ativistas do Sul Global interessados em direitos humanos, com o objetivo de amplificar suas vozes e sua participação em organizações internacionais e debates acadêmicos. Nossa principal motivação era o fato de que, especialmente no Hemisfério Sul, os acadêmicos estavam trabalhando sozinhos e havia pouquíssimo intercâmbio entre pesquisadores de diferentes países. O objetivo da revista tem sido proporcionar aos indivíduos e organizações que trabalham na defesa dos direitos humanos, pesquisas, análises e estudos de caso que aliem rigor acadêmico e questões de interesse prático. Estas metas ambiciosas foram atingidas com êxito, de diversas maneiras: na última década, publicamos artigos de dezenas de países sobre questões tão diversas como saúde e acesso ao tratamento médico, justiça transicional, mecanismos regionais e informação e direitos humanos, para citar alguns exemplos. Publicado em três idiomas e disponível gratuitamente on-line e impresso, nosso projeto também continua a ser o único em termos de alcance geográfico, perspectiva crítica e por seu 'sotaque' do Sul. Em homenagem ao editor fundador da revista, **Pedro Paulo Poppovic**, este 20º número conta em sua abertura com uma biografia (escrita por João Paulo Charleaux) deste sociólogo que tem sido um dos principais responsáveis pelo sucesso desta publicação.

Em diversos aspectos, esta última década também foi um sucesso para o movimento de direitos humanos como um todo. A Declaração Universal dos Direitos Humanos completou 60 anos recentemente, novos tratados internacionais foram adotados e os antigos, mas bons sistemas globais e regionais de monitoramento estão em pleno funcionamento, apesar das críticas em relação à sua eficácia e as tentativas por parte dos Estados de coibir seus poderes. A partir de uma perspectiva estratégica, continuamos a usar, com certo sucesso, *advocacy*, litígio estratégico e estratégias de nomear e envergonhar (*'naming and shaming'*) como nossas principais ferramentas de mudança. Além disso, continuamos a cultivar parcerias entre as organizações que classificamos como locais, nacionais e internacionais dentro do movimento.

No entanto, as **coordenadas políticas e geográficas**, nas quais o movimento global de direitos humanos tem operado, têm sofrido profundas alterações. Ao longo da última década, presenciamos a tomada das ruas por centenas de milhares de pessoas para protestar contra injustiças sociais e políticas. Vimos também as potências emergentes do Sul desempenharem um papel cada vez mais influente na definição da agenda global de direitos humanos. Ademais, nos últimos dez anos temos visto o rápido crescimento das redes sociais como ferramenta de mobilização e como um fórum privilegiado para o compartilhamento de informações políticas entre os usuários.

Em outras palavras, a Revista publica seu 20º número em um cenário bastante diferente daquele de dez anos atrás. Os protestos que recentemente encheram as ruas de muitos países ao redor do mundo, por exemplo, não foram organizados por movimentos sociais tradicionais, nem por sindicatos ou ONGs de direitos humanos, e as demandas das pessoas foram frequentemente expressas em termos de justiça social e não de direitos. Isto quer dizer que os direitos humanos não são mais vistos como uma linguagem eficaz à produção de mudança social? Ou que as organizações de direitos humanos têm perdido parte de sua capacidade de representar os cidadãos injustiçados? As próprias potências emergentes, apesar de sua influência internacional recém-adquirida, dificilmente foram capazes - ou tiveram vontade - de assumir posições que diferem substancialmente daquelas adotadas pelas potências "tradicionais". Como e onde as organizações de direitos humanos defendem mudanças? As ONGs sediadas no Sul estão em uma posição privilegiada para fazer isso? As ONGs com sede nas potências emergentes também têm ganhando influência em fóruns internacionais?

Precisamente com o intuito de refletir sobre estas e outras questões prementes, os editores da SUR decidiram contar, no presente 20º número, com a ajuda de mais de 50 ativistas de direitos humanos de renome e acadêmicos de 18 países, do Equador ao Nepal, da China aos EUA. Pedimos que eles refletissem sobre o que consideramos algumas das questões mais urgentes e relevantes enfrentadas pelo movimento global de direitos humanos na atualidade: 1. Quem representamos? 2. Como podemos combinar questões urgentes com impactos a longo prazo? 3. Os direitos humanos ainda são uma linguagem eficaz à produção de mudança social? 4. Como as novas tecnologias de informação e comunicação têm influenciado o ativismo? 5. Quais são os desafios de trabalhar internacionalmente a partir do Sul?

O resultado, que agora você tem em suas mãos, é um mapa para o movimento global de direitos humanos no século 21 - que oferece um ponto de vista excepcional do qual é possível observar onde o movimento está na atualidade e para onde ele está caminhando. A primeira parada neste roteiro é uma reflexão sobre essas questões por parte dos diretores fundadores da Conectas Direitos Humanos, **Oscar Vilhena Vieira e**

**Malak El-Chichini Poppovic**. O roteiro continua sua jornada e inclui entrevistas e artigos, ambos fornecendo análises em profundidade sobre as questões de direitos humanos, bem como notas de campo, descrições mais personalizadas de experiências de trabalho com direitos humanos, que organizamos em seis categorias, embora a maioria delas poderia, sem dúvida, ser alocada em mais de uma categoria:

**Linguagem.** Nesta seção, incluímos artigos que refletem sobre a questão se os direitos humanos - como utopia, normas e instituições - ainda são eficazes à produção de mudanças sociais. Nesta seção, as contribuições variam de análises sobre os direitos humanos como uma linguagem à mudança (**Stephen Hopgood e Paulo Sérgio Pinheiro**), pesquisas empíricas sobre o uso da linguagem de direitos humanos para articular queixas em grandes protestos recentes (**Sara Burke**), a reflexões sobre o papel normativo e eficácia das instituições internacionais de direitos humanos (**Raquel Rolnik, Vinodh Jaichand e Emilio Álvarez Icaza**). A seção também conta com estudos sobre as tendências globais da evolução do movimento (**David Petrasek**), desafios à ênfase do movimento na proteção do Estado de Direito (**Kumi Naidoo**) e propostas estratégicas para melhor garantir um compromisso entre utopia e realismo em relação aos direitos humanos (**Samuel Moyn**).

**Temas.** Nesta seção incluímos contribuições que abordam temas específicos de direitos humanos de um ponto de vista original e crítico. Quatro temas foram analisados: poder econômico e responsabilidade corporativa por violações de direitos humanos (**Phil Bloomer, Janet Love e Gonzalo Berrón**); políticas sexuais e direitos LGBTI (**Sonia Corrêa, Gloria Careaga Pérez e Arvind Narrain**); migração (**Diego Lorente Pérez de Eulate**); e, por último, justiça de transição (**Clara Sandoval**).

**Perspectivas.** Esta seção abrange temas específicos de cada país, principalmente notas de ativistas de direitos humanos em campo. Essas contribuições vêm de diversos locais como Angola (**Maria Lúcia da Silveira**), Brasil (**Ana Valéria Araújo**), Cuba (**María-I. Faguaga Iglesias**), Indonésia (**Haris Azhar**), Moçambique (**Salvador Nkamate**) e Nepal (**Mandira Sharma**). Mas todas compartilham uma perspectiva crítica sobre os direitos humanos, incluindo, por exemplo, uma visão cética sobre a relação entre o litígio e a opin-

ião pública na África do Sul (**Nicole Fritz**), uma visão provocativa sobre o futuro democrático da China e sua relação com os direitos trabalhistas (**Han Dongfang**), e uma análise instigante da dualidade Norte-Sul a partir da Irlanda do Norte (**Maggie Beirne**).

**Vozes.** Nesta seção, os artigos abordam o cerne da questão de quem o movimento mundial de direitos humanos representa. **Adrian Gurza Lavalle** e **Juana Kweitel** destacam a pluralização da representação e formas inovadoras de responsabilização adotadas por ONGs de direitos humanos. Outros autores estudam a pressão por mais representação ou uma voz mais forte nos mecanismos internacionais de direitos humanos (como no Sistema Interamericano, relatado por **Mario Melo**) e nas instituições de representação, como legislaturas nacionais (analisadas por **Pedro Abramovay** e **Heloisa Griggs**). Por sua vez, **Chris Grove**, bem como **James Ron**, **David Crow** e **Shannon Golden** enfatizam, em suas contribuições, a necessidade de um link entre as ONGs de direitos humanos e grupos de base, incluindo populações economicamente desfavorecidas. Como contraponto, **Fateh Azzam** questiona a necessidade dos ativistas de direitos humanos representar alguém, discordando da crítica que as ONGs são excessivamente dependentes dos financiadores. Por fim, **Mary Lawlor** e **Andrew Anderson** descrevem os esforços feitos por uma organização do Norte para atender as necessidades dos defensores locais de direitos humanos como eles, e mais ninguém, as definem.

**Ferramentas.** Nesta seção, os editores incluíram contribuições que tratam dos instrumentos utilizados pelo movimento global de direitos humanos na realização de seu trabalho. Isso inclui um debate sobre o papel da tecnologia na promoção de mudanças (**Mallika Dutt** e **Nadia Rasul**, bem como **Sopheap Chak** e **Miguel Pulido Jiménez**) e perspectivas sobre os desafios das campanhas de direitos humanos, o que é analisado de forma provocativa por **Martin Kirk** e **Fernand Alphen** em suas respectivas contribuições. Outros artigos apontam à necessidade das organizações serem mais fundamentadas em contextos locais, como observado por **Ana Paula Hernández** em relação ao México, por **Louis Bickford** no que ele considera como uma convergência ao Centro Global, e, por fim, por **Rochelle Jones**, **Sarah Rosenhek** e **Anna Turley** em seu modelo de movimento de

apoio. Além disso, é destacado por **Mary Kaldor** que as ONGs não são o mesmo que a sociedade civil, propriamente dita. Ademais, ações de litígio e de atuação internacional são analisadas criticamente por **Sandra Carvalho** e **Eduardo Baker** tratando inclusive do dilema entre estratégias de longo e curto prazo no sistema interamericano. Por fim, **Gastón Chillier** e **Pétalla Brandão Timo** analisam a cooperação Sul-Sul do ponto de vista de uma ONG nacional de direitos humanos na Argentina.

**Multipolaridade.** Nesta seção, os artigos desafiam nossas formas de pensar sobre poder no mundo multipolar em que vivemos atualmente, com contribuições dos diretores de algumas das maiores organizações internacionais de direitos humanos de todo o mundo com sede no Norte (**Kenneth Roth** e **Salil Shetty**) e no Sul (**Lucia Nader**, **César Rodríguez-Garavito**, **Dhananjayan Sriskandarajah** e **Mandeep Tiwana**). Esta seção também discute o que significa multipolaridade em relação aos Estados (**Emilie M. Hafner-Burton**), organizações internacionais e da sociedade civil (**Louise Arbour**) e empresas (**Mark Malloch-Brown**).

Conectas espera que este número fomente o debate sobre o futuro do movimento global de direitos humanos no século 21, permitindo que ele se reinvente como é necessário para oferecer uma melhor proteção aos direitos humanos no terreno.

Gostaríamos de enfatizar que este número da Revista Sur só foi possível graças ao apoio da Fundação Ford, Open Society Foundations, Oak Foundation, Sigrid Rausing Trust, International Development Research Centre (IDRC, na sigla em inglês) e Swedish International Development Cooperation Agency (SIDA, no original em inglês).

A Conectas Direitos Humanos é especialmente grata pela colaboração dos autores e da equipe da organização, especialmente de **Laura Dauden**, **João Paulo Brito** e **Laura Waisbich**. Também gostaríamos de agradecer a **Maria Brant** e **Manoela Miklos** por conceber este número e pela a realização da maioria das entrevistas, e a **Thiago Amparo** por se juntar à equipe editorial e tornar este número possível. Por fim, mas não menos importante, somos extremamente gratos a **Luz González** por seu incansável trabalho de edição das contribuições recebidas, e a **Ana Cernov** pela coordenação do processo editorial como um todo. Obrigado a todos e todas!





**sur**

**Direitos Humanos em Movimento**

# **Vozes**

**FATEH AZZAM**

Por que devemos ter que "representar" alguém?

**MARIO MELO**

Vozes da selva no estrado da Corte Interamericana de Direitos Humanos

**ADRIAN GURZA LAVALLE**

ONGs, direitos humanos e representação

**JUANA KWEITEL**

Experimentação e inovação em matéria de prestação de contas nas organizações de direitos humanos da América Latina

**PEDRO ABRAMOVAY E HELOISA GRIGGS**

Minorias democráticas em democracias do século 21

**JAMES RON, DAVID CROW E SHANNON GOLDEN**

Familiaridade com direitos humanos e *status* socioeconômico: Um estudo sobre quatro países

**CHRIS GROVE**

Construindo um movimento global para tornar direitos humanos e justiça social uma realidade para todos

**ENTREVISTA COM MARY LAWLOR E ANDREW ANDERSON**

"O papel das organizações internacionais deve ser apoiar os defensores locais"



JAMES RON

James Ron ocupa a cátedra Stassen de Relações Internacionais da Faculdade de Humphrey e do Departamento de Ciência Política na Universidade de Minnesota. Ele coordena as *Human Rights Perceptions Polls* (Pesquisas sobre Percepções de Direitos Humanos), é professor afiliado do *Center for Economic Research and Teaching* (CIDE, na sigla em espanhol) no México e fundou o fórum on-line multilíngue openGlobalRights, destinado aos estrategistas de direitos humanos.

E-mail: jamesr@umn.edu



DAVID CROW

David Crow é professor pesquisador (professor assistente) do CIDE, no México, onde coordena a pesquisa *Americas and the World* (Américas e o Mundo). Ele desenvolve pesquisas sobre política mexicana, democracia, direitos humanos, migração e relações internacionais, além de lecionar sobre esses tópicos e métodos de pesquisa estatísticos.

E-mail: david.crow@cide.edu



SHANNON GOLDEN

Shannon Golden possui doutorado em Sociologia pela Universidade de Minnesota, onde tem como foco de pesquisa a reconstrução da comunidade de Uganda no período pós-guerra. Atualmente, ela é pesquisadora em pós-doutorado do projeto *Human Rights Perceptions* da Faculdade de Relações Públicas de Humphrey na Universidade de Minnesota.

E-mail: golde118@umn.edu

## RESUMO

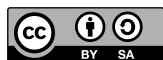
Após décadas de mobilização e sensibilização, quão familiares aos direitos humanos são as pessoas comuns, e como essa familiaridade é moldada pelo *status* socioeconômico? Iremos explorar estas questões com os novos dados das *Human Rights Perceptions Polls* (Pesquisas sobre Percepções de Direitos Humanos), pesquisas representativas realizadas em quatro países. Os resultados apontam que a exposição pública ao termo “direitos humanos” é elevada na Colômbia, no México e em partes do Marrocos, mas mais moderada em Mumbai (Índia) e nos seus arredores. Os índices de contato pessoal da população com ativistas, defensores e voluntários de direitos, no entanto, são muito mais limitados. Além disso, para ambos indicadores, o *status* socioeconômico é um prognóstico estatisticamente significativo. As pessoas com níveis de educação mais altos, mais ricas, que residem em áreas urbanas e têm acesso à Internet também tendem a ser mais familiarizadas com o termo “direitos humanos”, e ter conhecido uma pessoa que trabalhe com direitos humanos, seja ativista ou voluntário. Estes resultados devem chamar a atenção de estrategistas de direitos humanos, dedicados a promover relações com os mais necessitados. Para enfrentar esse desafio, os grupos de direitos humanos devem desenvolver modelos de engajamento e mobilização de recursos de orientação mais popular.

Original em inglês. Traduzido por Fernando Sciré.

Recebido em abril de 2014.

## PALAVRAS-CHAVE

Pesquisa de opinião pública – Direitos humanos – Opinião pública – Marrocos – México – Índia – Colômbia – Elites – Organizações Populares



Este artigo é publicado sob a licença de *creative commons*.

Este artigo está disponível *online* em <<http://conectas.org/pt/acoes/sur>>.

ARTIGO

## FAMILIARIDADE COM DIREITOS HUMANOS E *STATUS* SOCIOECONÔMICO: UM ESTUDO SOBRE QUATRO PAÍSES

James Ron, David Crow e Shannon Golden

### 1 Introdução

Embora não existam mecanismos formais que liguem atores de direitos humanos a determinados grupos, muitos indivíduos envolvidos com direitos acreditam que representam os interesses, as necessidades e as aspirações das pessoas mais impotentes e vulneráveis da sociedade. No entanto, até o momento, essas crenças não se basearam em suficiente evidência sistemática. Por razões que envolvem custo, tendências e viabilidade, os pesquisadores de direitos humanos raramente consultam pessoas comuns sobre os seus pontos de vista – e experiências – acerca da linguagem e das organizações de direitos humanos. Este artigo aborda esta lacuna de conhecimento com pesquisas públicas originais conduzidas em quatro países. Perguntamos a milhares de pessoas quantas vezes elas tinham ouvido o termo “direitos humanos”, e se alguma vez tinham conhecido um defensor, ativista ou voluntário que tenha se autoidentificado como sendo da área de direitos humanos. Possuindo esses dados e com base em análises estatísticas, pesquisamos a prevalência e os fatores correlatos da familiaridade do público com os direitos humanos.

Os resultados apontam que a familiaridade com os termos e representantes de direitos humanos aumenta de acordo com a condição socioeconômica. Este resultado é preocupante, porque acreditamos que a familiaridade com os direitos humanos é um indicador de sucesso da representatividade do movimento. As organizações de direitos humanos não podem afirmar de modo convincente que representam pessoas comuns se estes indivíduos nunca ouviram suas mensagens, nem conheceram seus representantes. As organizações de direitos humanos não podem afirmar com credibilidade que representam os setores mais pobres da sociedade, sobretudo, se a sensibilização do público nessas comunidades é sistemática e significativamente prejudicada pelo baixo status socioeconômico.

---

*Ver as notas deste texto a partir da página 360.*

Realizamos as *Human Rights Perceptions Polls* (Pesquisas sobre Percepções de Direitos Humanos) na Colômbia, na Índia, no México e no Marrocos em 2012. Selecionamos esses países por conta de suas diversidades em vários indicadores, incluindo distintas regiões do mundo (América Latina, Norte da África e Sul da Ásia), legados coloniais (Espanha, França e Grã-Bretanha), religiões globais (cristianismo, islamismo e hinduísmo) e tradições linguísticas (espanhol, árabe, francês e hindi). Essa diversidade aumenta o potencial de generalização de nossos resultados.

Realizar pesquisas de opinião pública nesses quatro países também faz sentido porque, em cada país, um número significativo de pessoas é exposto à terminologia e tem contato com defensores de direitos humanos. Embora todos eles tenham problemas graves de direitos humanos, todos possuem o mínimo de liberdades políticas e civis, incluindo certa liberdade de expressão, circulação e associação. Cabe destacar que todos esses países possuem uma sociedade civil ativa e um vibrante setor doméstico de direitos humanos.

### *1.1 Familiaridade com direitos humanos: quão profunda ela pode ser?*

O discurso de direitos humanos é onipresente nos meios de comunicação global e nos círculos diplomáticos e políticos (MOYN 2010; RON; RAMOS; RODGERS, 2005), o que causa comparações com outras *lingua franca* transacionais, como a matemática ou estatística (CMIEL, 2004). No entanto, permanecem questões importantes sobre a capacidade dos termos e ativistas de direitos humanos romperem círculos da elite e penetrar em meios públicos de massa (HAFNER-BURTON; RON, 2009). Muitos temem que os direitos humanos, assim como outras ideias transnacionais e cosmopolitas, sejam pouco mais que uma “consciência de classe de viajantes frequentes” destinada a definir para sempre nas camadas mundiais mais altas (CALHOUN, 2002).

Essas preocupações estão intimamente ligadas às questões de representação política. As organizações de direitos humanos falam em nome de quais comunidades e interesses? Quem elas realmente representam? A maioria dos “condenados da terra” (FANON, 2005), como muitos gostariam, ou a classe média global, como muitos temem? É claro que a familiaridade pública com os direitos humanos não é o único indicador de representação, mas é importante. Nenhum comunista que se preze jamais iria reivindicar representar a classe trabalhadora se os trabalhadores nunca tivessem conhecido os membros do partido, e nenhum missionário que se preze iria reivindicar o sucesso em meio à ignorância popular sobre Cristo ou Maomé. A familiaridade tanto com a Palavra e seu Mensageiro pode não ser *suficiente* para a representação, mas parece ser bastante *necessária*.

Então, o que nós esperávamos encontrar? Por um lado, os mais pobres e sem recursos são muitas vezes mais propensos a sofrer todo tipo de violações de direitos humanos (KHAN; PETRASEK, 2009). Sendo assim, em teoria, eles deveriam ter maior propensão a ter conhecimento sobre direitos humanos e contatos neste campo. Por sua vez, os ativistas de direitos humanos deveriam ser profundamente motivados a ter contato com essa parcela da população. Conforme muitos defensores argumentam,

a tarefa mais urgente do movimento de direitos humanos é trabalhar com e ao lado dos pobres, muitas vezes por meio de uma abordagem ao desenvolvimento baseada nos direitos. Se isso é verdade, então as pessoas situadas nas camadas socioeconômicas mais baixas da sociedade deveriam ter mais familiaridade com os direitos humanos do que aquelas localizadas nas camadas mais altas.

No entanto, muitos pesquisadores diriam exatamente o oposto (AN-NA'IM, 2000; ENGLUND, 2006; HOPGOOD, 2013; ODINKALU, 1999; OKAFOR, 2006). À parte as aspirações declaradas do movimento de direitos humanos, as pessoas mais ricas e com níveis de educação mais altos sempre têm mais acesso a recursos e informações e frequentemente dão grande valor a ideias abstratas e cosmopolitas como os direitos humanos. Ademais, ao longo da história, frequentemente foram as classes urbanas, médias ou trabalhadoras organizadas que expressaram maior interesse em direitos individuais, em vez dos sem organização política, com baixa educação ou mais pobres na zona rural (HUBER; RUESCHEMEYER; STEPHENS, 1993; LIPSET, 1959; MAMDANI, 1996). Apesar dos ativistas de direitos humanos *desejarem* que os pobres sejam mais familiarizados com o seu trabalho, alguns especialistas argumentam que as realidades sociológicas e políticas sugerem o contrário.

Felizmente, essas diferentes expectativas podem ser julgadas com a ajuda de pesquisas públicas estatisticamente representativas e bem planejadas.

## 2 Dados e métodos

Nesta publicação, descrevemos as nossas Pesquisas sobre Percepções de Direitos Humanos (RON; CROW, a serem publicadas). Resumidamente, reunimos os dados coletados no México e na Colômbia que foram obtidos em colaboração com a equipe da pesquisa *Americas and the World*, do *Center for Economic Research and Teaching* (CIDE, na sigla em espanhol) na Cidade do México.<sup>1</sup> Os dados na Índia e Marrocos foram coletados em colaboração com empresas de pesquisa locais.

**México:** os dados coletados no México incluem uma amostra de representatividade nacional de 2.400 adultos com idades entre 18 anos ou mais, juntamente com uma amostra menor de 500 pessoas pertencentes à “elite do poder” do país (MILLS, 2000), incluindo executivos, autoridades eleitas, burocratas de alto escalão, jornalistas e acadêmicos. Essa segunda pesquisa sobre as elites é descritiva, mas não é representativa estatisticamente.

O México é um bom caso para se investigar a familiaridade popular com os direitos humanos. Sistemáticas violações de direitos são comuns, mas a democracia crescente do México e seu perfil sociodemográfico oferecem oportunidades para o debate sobre os direitos humanos e para a participação cidadã. A população do México é mais rica, com mais acesso à educação e mais exposta a ideias globais do que muitos países, sua imprensa e o sistema político são relativamente livres e sua população tem fortes laços com a diáspora norte-americana. Desde o início da década de 1990, o país tem tido um vibrante setor que luta por direitos no âmbito nacional, e a retórica política do governo é favorável às questões de direitos humanos (ANAYA MUÑOZ, 2009). Além disso, os direitos humanos estão constantemente na

pauta por causa da brutal guerra interna no país contra as drogas (INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2013). Desde 2006, facções criminosas e forças de segurança mataram mais de 70.000 pessoas e foram responsáveis pelo desaparecimento de outros milhares.

**Colômbia:** os dados coletados na Colômbia também incluem uma amostra de representatividade nacional de 1.700 adultos. Assim como o México, a Colômbia é um caso relevante para se pesquisar a familiaridade do público com os direitos humanos. Décadas de violência entre as forças de segurança, guerrilhas de esquerda e grupos paramilitares financiados pelo Estado – todos ligados a cartéis de drogas – geraram múltiplas violações de direitos. O governo define o conflito no país como uma guerra contra o terrorismo, e muitos colombianos consideram as políticas de segurança do governo eficazes. Mas essas políticas também custaram um preço alto aos civis, incluindo desaparecimentos forçados de 30.000 a 50.000 pessoas e uma série de escândalos “parapolíticos” que mostraram a conexão de políticos e militares a grupos paramilitares de direita (HUMAN RIGHTS WATCH, 2012). Assim como o México, a Colômbia tem uma ativa comunidade doméstica de direitos humanos que engloba diversas centenas de grupos organizados em redes densas, com fortes laços transacionais (BRYSK, 2009; ODHACO, 2013).

**Marrocos:** os dados coletados no Marrocos incluem uma amostra de 1.100 adultos e representa a população residente em Rabat e Casablanca, capitais políticas e financeiras do país, e moradores rurais que vivem até 70 quilômetros de qualquer uma dessas cidades. O Marrocos também oferece um terreno fértil à pesquisa sobre a familiaridade com os direitos humanos (RON; GOLDEN, 2013). As piores violações de direitos civis e políticos no país ocorreram nas décadas de 1970 e 1980, conhecidas como os “anos de chumbo”. O Marrocos teve um período de abertura na década de 1990, que incluiu a incorporação de compromissos de direitos humanos a uma nova constituição. O país acelerou o processo de abertura na década de 2000 sob o comando de um novo rei. Os ativistas de direitos de gênero foram particularmente bem-sucedidos em seu trabalho. Embora as restrições e abusos contra muçulmanos e ativistas do Saara Ocidental continuem, o setor doméstico de direitos marroquinos é vocal, autoconfiante e relativamente eficiente (SLYOMOVICS, 2005).

**Índia:** os dados coletados na Índia incluem uma amostra de 1.600 adultos e representam os moradores de Mumbai, capital cultural e financeira do país, e as áreas rurais adjacentes do estado de Maharashtra.

A população da Índia é semelhante à população do Marrocos em termos de renda e educação e mais pobre e menos instruída do que a população do México ou da Colômbia. A Índia tem a mais longa tradição democrática dos quatro países em questão, assim como uma imprensa nacional crítica e uma longa história de ativismo baseado em direitos, incluindo avanços legais pioneiros em direitos sociais e econômicos (GUDAVARTHY, 2008; JAI, 2003; RAY, 2003), o que inclui a lei de Direito à Informação de 2005, de Direito à Educação de 2009 e de Segurança Alimentar Nacional de 2013. Mumbai foi a sede dos primeiros grupos de liberdades civis da Índia e é um centro para os esforços locais de proteção de direitos das mulheres e moradores de favelas, a melhora das relações comunitárias e a promoção dos direitos de moradia adequada e segurança alimentar.

## 2.1 Variáveis estatísticas

Utilizamos duas variáveis para medir a familiaridade do público com os direitos humanos. Para avaliar a **exposição dos entrevistados** à terminologia dos direitos humanos, perguntamos “Quotidianamente, com que frequência você costuma ouvir o termo ‘direitos humanos?’” (Diariamente; Frequentemente; Às vezes; Raramente; Nunca). Para avaliar o **contato pessoal dos entrevistados** com defensores/voluntários de direitos humanos, perguntamos: “Você já conheceu alguém que trabalha em uma organização de direitos humanos?” (Sim; Não).

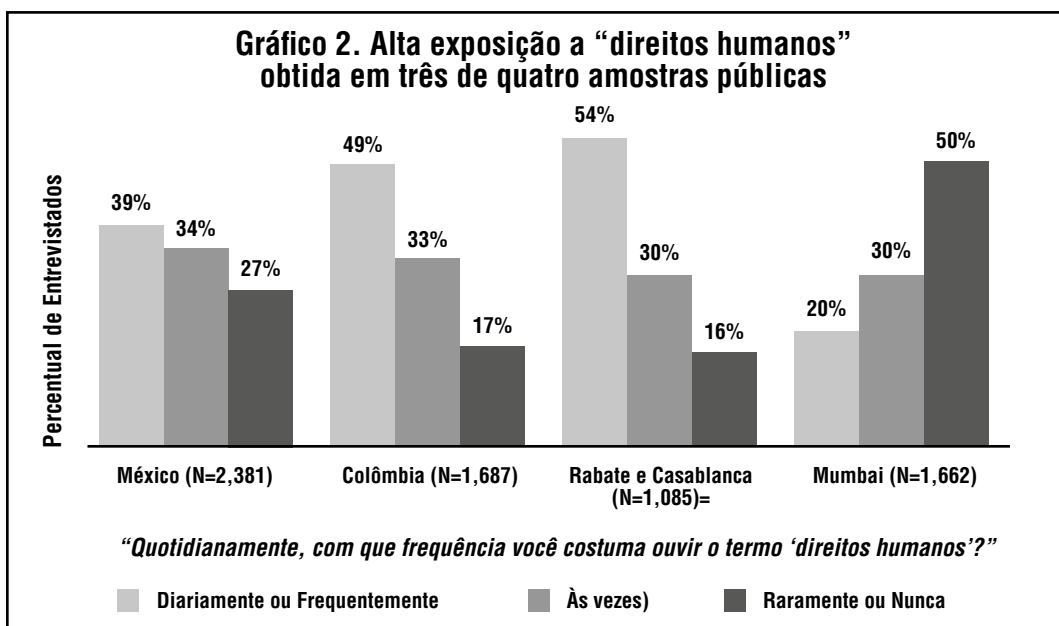
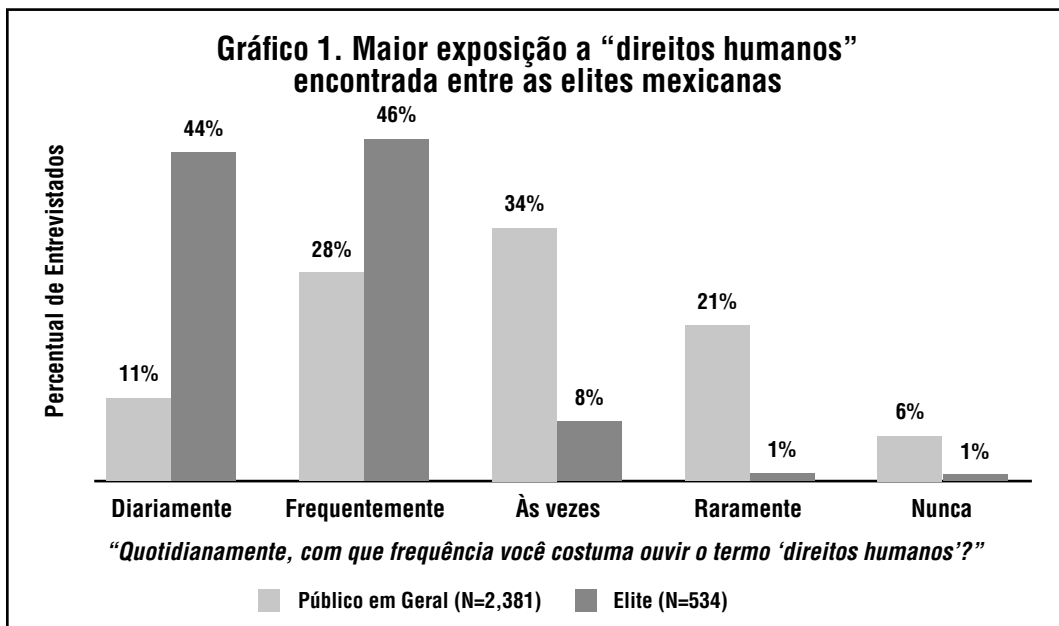
Medimos o **status socioeconômico dos entrevistados** avaliando a sua educação, local de residência, renda e acesso à Internet. Para medir a **educação**, perguntamos: “Qual é o nível mais alto de escolaridade que você completou?”<sup>2</sup> Para avaliar a **residência urbana**, nós associamos a área onde os entrevistados moravam com classificações aceitas do censo do Marrocos. Para avaliar a **renda**, foi utilizada uma percepção subjetiva de renda relativa aos gastos dos entrevistados, perguntando: “Considerando a renda total da família, qual afirmação descreve melhor o status de sua renda?” (“Minha renda me permite cobrir as despesas e economizar”; “Minha renda apenas cobre as despesas, sem maiores dificuldades”; “Minha renda não cobre as despesas e tenho dificuldades”; “Minha renda não cobre as despesas e tenho grandes dificuldades”).<sup>3</sup> Para medir o **uso de Internet**, perguntamos: “Você usa a Internet?” (Sim; Não). Também incluímos duas variáveis de controle: **sexo** e **idade** (em anos).

## 3 Conclusões

Começamos com o caso mexicano, já que este é o único dentro dos quatro casos com uma amostra tanto popular, como da elite.

O Gráfico 1 mostra que a prevalência da terminologia de direitos humanos tanto entre a elite mexicana e o público em geral é alta, mas que a exposição da elite à essa terminologia é muito maior. Cerca de 90 por cento dos mexicanos da elite nos disseram que ouviram o termo “direitos humanos” (*derechos humanos*) “diariamente” ou “frequentemente”, em comparação com quase 40 por cento do público em geral. No entanto, mesmo essa faixa de 40 por cento parece extraordinariamente grande; extrapolando, ela sugere que cerca de 30 milhões de adultos mexicanos são expostos aos termos *derechos humanos* diariamente.

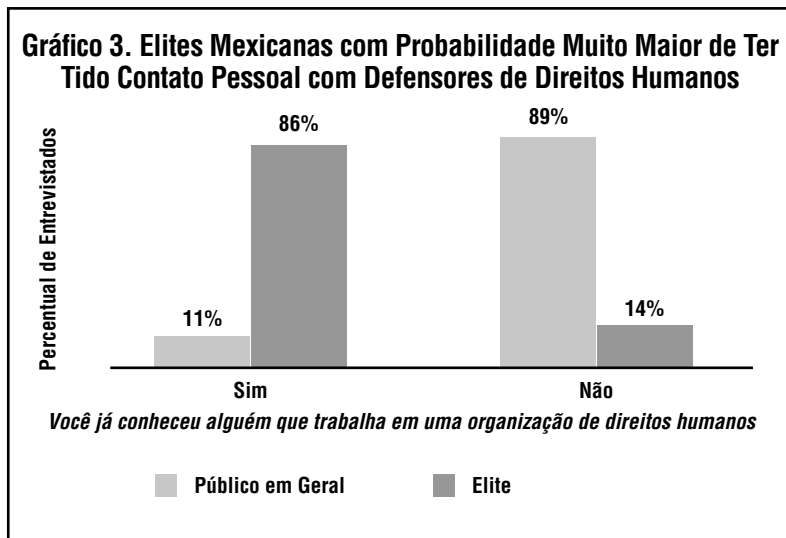
Excepcionalmente, a exposição aos direitos humanos na Colômbia e no Marrocos é ainda maior. Como o Gráfico 2 nos mostra, 49 por cento dos adultos colombianos dizem que ouvem rotineiramente o termo *derechos humanos*, enquanto que 54 por cento dos adultos que vivem em Rabat e Casablanca ou próximo destas cidades relataram ter ouvido regularmente o termo francês, *droits de l’homme*, ou o termo em árabe *hukuk al insaan*. E enquanto a pesquisa na Índia revela menores taxas de exposição pública – apenas 20 por cento dos adultos que vivem em Mumbai e nas redondezas da cidade relataram ter ouvido regularmente tanto o termo hindi *mānava adhikāra* ou o termo *mānavī adhikāra* em marathi – mesmo essa comparativamente baixa taxa de exposição parece alta.



Previsivelmente, o contato pessoal com os defensores de direitos humanos foi muito menor. Ademais, no México, nossas amostras obtidas com a elite e a população em geral foram muito diferentes. Como o Gráfico 3 demonstra, 86 por cento das elites mexicanas relatam ter conhecido alguém ativo dentro de uma organização de direitos humanos, em comparação com apenas 11 por cento do público em geral. Ativistas de direitos humanos no México circulam com muito mais frequência e intensidade entre as escalas superiores da sociedade.

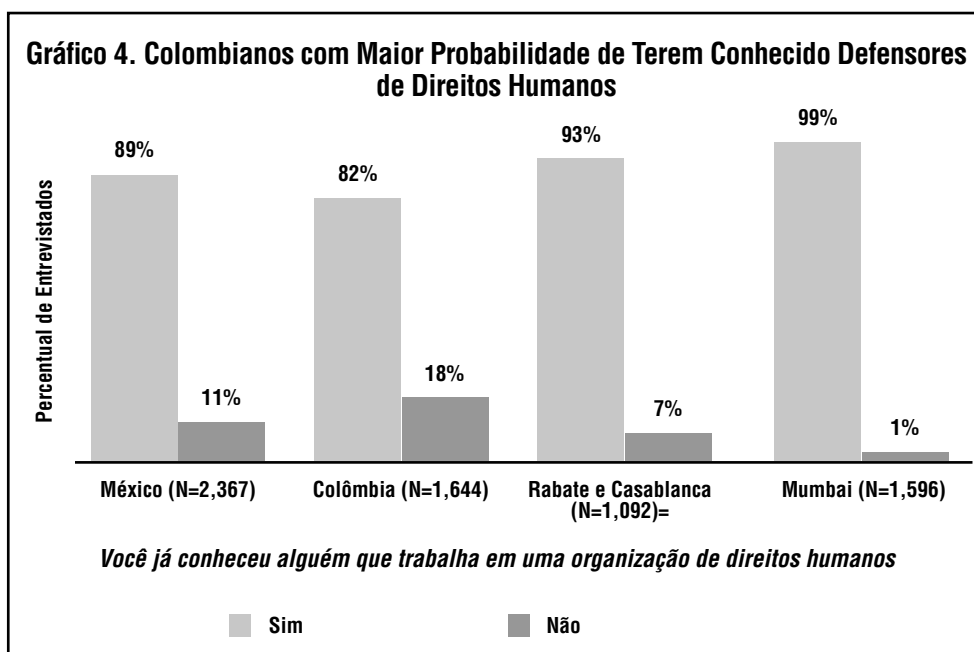
No entanto, nesta ocasião também o copo mexicano e colombiano está meio cheio, já que entre 11 e 18 por cento da população destes países em geral declarou





já ter conhecido um defensor do campo de direitos humanos. No México, isso sugeriria uma quantidade total de oito milhões (veja o Gráfico 4). Essas altas taxas provavelmente são resultado de conflitos internos nos dois países relacionadas com o tráfico de drogas, deslocamentos populacionais, retórica governamental e um forte alcance dos ativistas.

Por outro lado, no Marrocos e na Índia, o contato do público com os defensores de direitos humanos é muito menor. Apenas sete por cento dos adultos que vivem em Rabat e Casablanca e nas suas redondezas relataram ter conhecido um defensor de direitos humanos, enquanto que, em Mumbai e seus arredores rurais, apenas um por cento relatou ter tido esse contato.



### 3.1 *Análise estatística: maior status socioeconômico, mais familiaridade com os direitos humanos*

Nossa metodologia permite avaliar a relação entre fatores socioeconômicos e a familiaridade do público com os direitos humanos. Os dados mostram que, nos quatro países pesquisados, o status socioeconômico (SES, na sigla em inglês) está relacionado com uma maior exposição aos termos e ativistas de direitos humanos. A Tabela 1 apresenta um panorama geral de nossos resultados. O sinal de mais (+) representa uma relação positiva e estatisticamente significativa entre uma de nossas quatro variáveis SES (educação, residência urbana, nível de renda e uso da internet) e nossas duas medidas de familiaridade com os direitos humanos, isto é: a exposição dos entrevistados à terminologia de direitos humanos e o contato pessoal dos entrevistados com defensores/ativistas/voluntários de direitos humanos. O sinal de menos (-) representa uma relação negativa entre a SES e a familiaridade. E “nf” (na sigla em inglês), ou “não encontrada”, representa nenhuma relação estatisticamente significativa.

Em todos os países, *algumas* variáveis SES são significativamente associadas a uma maior familiaridade com os direitos humanos e, em alguns países, todas as quatro variáveis SES são associadas a uma maior familiaridade com os direitos humanos. **Educação** e **uso da internet** foram os principais dados correlatos, já que eles gozaram de correlações estatísticas positivas no tocante à familiaridade da população com os direitos humanos em seis dos oito casos possíveis. O **nível de renda** foi a próxima variável mais correlata, com uma associação positiva em quatro dos oito casos, enquanto **residência urbana** teve uma associação positiva em três casos. Cumulativamente, estes resultados sugerem que uma melhor posição social está diretamente associada à familiaridade com os direitos humanos nos quatro países analisados.

A Tabela 2 contém os resultados completos de regressão. Uma vez que a variável dependente de **exposição dos entrevistados** é numérica – ou seja, está disposta em um conjunto bem ordenado –, modelamos seus efeitos com regressão logística numérica, uma técnica estatística bastante utilizada, que avalia os efeitos líquidos de vários fatores ou variáveis independentes, em um único e classificado coeficiente de “resultado” ou variável. Nestes modelos, os coeficientes devem ser interpretados como a influência do efeito que uma variável independente possui

**Tabela 1. Resumo de Resultados: Relações entre Status Socioeconômico (SES) e Familiaridade com o Discurso e com os Ativistas de Direitos Humanos**

|                          | Colômbia          | México            | Mumbai            | Rabat/Casablanca  |
|--------------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
|                          | Exposição Contato | Exposição Contato | Exposição Contato | Exposição Contato |
| <b>Educação</b>          | + +               | + +               | n.f. n.f.         | n.f. +            |
| <b>Residência Urbana</b> | — n.f.            | + +               | + n.f.            | n.f. n.f.         |
| <b>Renda</b>             | + +               | + +               | — n.f.            | n.f. n.f.         |
| <b>Uso de Internet</b>   | + +               | + n.f.            | + +               | n.f. +            |

**Tabela 2. Determinantes da Frequência de Exposição ao Termo “Direitos Humanos” (Logística ordinal) e Contato com Defensores de Direitos Humanos (Logística)**

|  | Colômbia             |                     | México              |                     | Mumbai               |                    | Rabate e Casablanca |                     |
|--|----------------------|---------------------|---------------------|---------------------|----------------------|--------------------|---------------------|---------------------|
|  | Exposição            | Contato             | Exposição           | Contato             | Exposição            | Contato            | Exposição           | Contato             |
| Educação (Anos)  | 0.075***<br>(0.000)  | 0.052**<br>(0.003)  | 0.078***<br>(0.000) | 0.070***<br>(0.000) | 0.000<br>(0.989)     | -0.004<br>(0.921)  | 0.026†<br>(0.068)   | 0.125***<br>(0.000) |
| Residência Urbana (Sim=1)                                    | -0.316***<br>(0.020) | -0.266<br>(0.202)   | 0.176***<br>(0.038) | 0.580***<br>(0.001) | 0.492***<br>(0.000)  | -0.065<br>(0.872)  | 0.008<br>(0.953)    | -0.099<br>(0.746)   |
| Renda (Declarada)  | 0.228***<br>(0.000)  | 0.182***<br>(0.046) | 0.089†<br>(0.061)   | 0.226**<br>(0.007)  | -0.209***<br>(0.000) | 0.050<br>(0.749)   | 0.007<br>(0.925)    | -0.040<br>(0.780)   |
| Uso de Internet  | 0.541***<br>(0.000)  | 0.642***<br>(0.001) | 0.181†<br>(0.060)   | -0.006<br>(0.973)   | 1.021***<br>(0.000)  | 1.000**<br>(0.003) | -0.197<br>(0.218)   | 0.838**<br>(0.006)  |
| Sexo (Masculino=1)   | 0.191***<br>(0.039)  | 0.187<br>(0.163)    | 0.036<br>(0.633)    | 0.162<br>(0.221)    | 0.461***<br>(0.000)  | 0.393<br>(0.198)   | 0.169<br>(0.141)    | 0.175<br>(0.448)    |
| Idade  | 0.015***<br>(0.000)  | -0.001<br>(0.787)   | 0.004<br>(0.148)    | 0.010***<br>(0.023) | -0.004<br>(0.189)    | -0.015<br>(0.163)  | 0.006<br>(0.187)    | 0.019***<br>(0.028) |
| N  | 1585                 | 1567                | 2325                | 2309                | 1535                 | 1562               | 1046                | 1059                |
| Probabilidade Logarítmica                                    | -2156.33             | -723.41             | -3344.41            | -806.37             | -2271.96             | -216.49            | -1453.03            | -287.52             |
| $\chi^2$ Teste da Razão da Verossimilhança                   | 159.15               | 63.18               | 128.35              | 61.37               | 154.73               | 16.36              | 8.24                | 59.65               |
| valor-p  | 0.000                | 0.000               | 0.000               | 0.000               | 0.000                | 0.012              | 0.221               | 0.000               |
| Pseudo R2  | 0.036                | 0.042               | 0.019               | 0.037               | 0.033                | 0.036              | 0.003               | 0.094               |
| Valor P em parênteses  |                      |                     |                     |                     |                      |                    |                     |                     |
| † $p < 0.10$ ; *** $p < 0.05$ ; ** $p < 0.01$ ; * $p < .001$ |                      |                     |                     |                     |                      |                    |                     |                     |

sobre as probabilidades de pertencer a categorias “superiores” (por exemplo, ouvir direitos humanos “diariamente” ou “frequentemente”), em vez das probabilidades de pertencer às categorias “inferiores” (por exemplo, ouvir direitos humanos apenas “às vezes”, “raramente” ou “nunca”). E como a variável dependente (de resultado) de **contato pessoal dos entrevistados** é dicotômica, ou uma resposta do tipo “sim/não”, a regressão logística binária simples foi utilizada. Neste caso, os coeficientes devem ser interpretados como o efeito de uma variável independente sobre as probabilidades de um entrevistado ter alguma vez conhecido um defensor de direitos humanos.

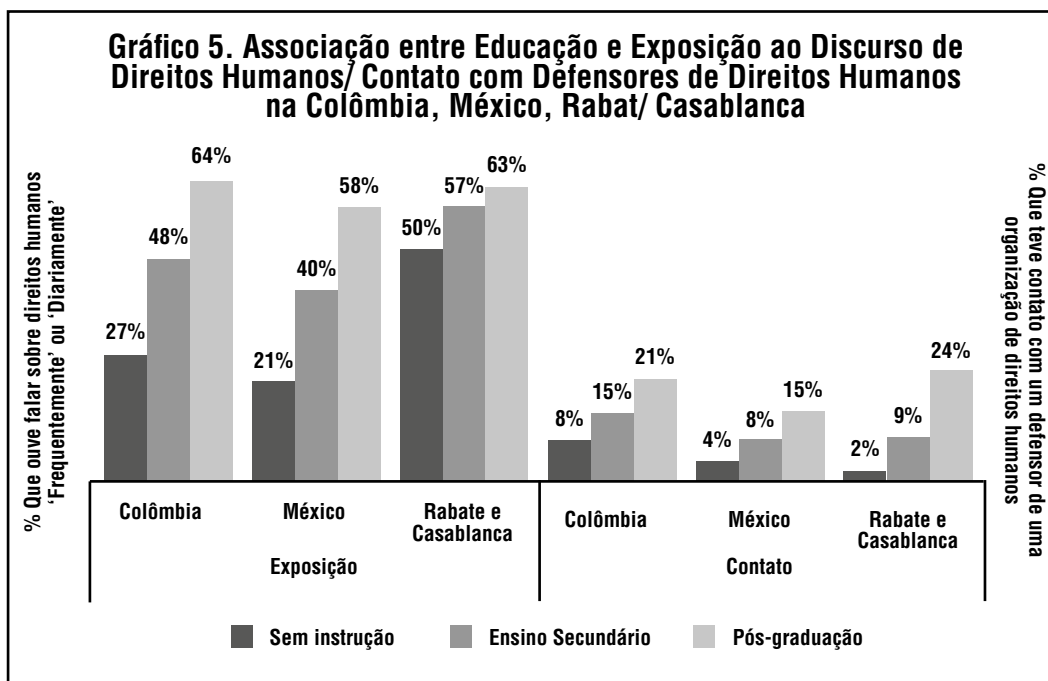
### 3.2 Educação

Os entrevistados mais instruídos ouviram o termo “direitos humanos” com muito mais frequência e são mais propensos a terem conhecido um defensor de direitos humanos do que os entrevistados menos instruídos na Colômbia, México e em Rabat /Casablanca (Imagem 5).

Para avaliar o impacto da educação na **exposição dos entrevistados** às palavras “direitos humanos”, nós combinamos com as duas respostas mais altas, “frequentemente” e “diariamente”. A associação entre o nível de educação e a exposição é mais forte na Colômbia (e pode ser vista pelas três colunas à esquerda

acima do título da categoria “Exposição”) e no México (três colunas no centro em “Exposição”). Aproximadamente 64 por cento dos colombianos com doutorado ou grau equivalente (21 anos de educação, representados pelas colunas brancas) ouvem frequentemente *derechos humanos*, em comparação com apenas 48 por cento dos colombianos que concluíram o ensino médio (colunas cinza claro) e 27 por cento daqueles sem educação formal (colunas cinza escuro). O mesmo se aplica ao México, onde aproximadamente 58 por cento dos entrevistados com 21 anos de escolaridade ouvem sobre direitos humanos frequentemente, em comparação com apenas 40 por cento dos entrevistados que concluíram o ensino médio e 21 por cento daqueles sem instrução. A associação com educação não é tão visível no Marrocos (as colunas à direita em “Exposição”), porque uma grande proporção de marroquinos sem acesso à educação (50 por cento) já ouviu falar frequentemente sobre direitos humanos.

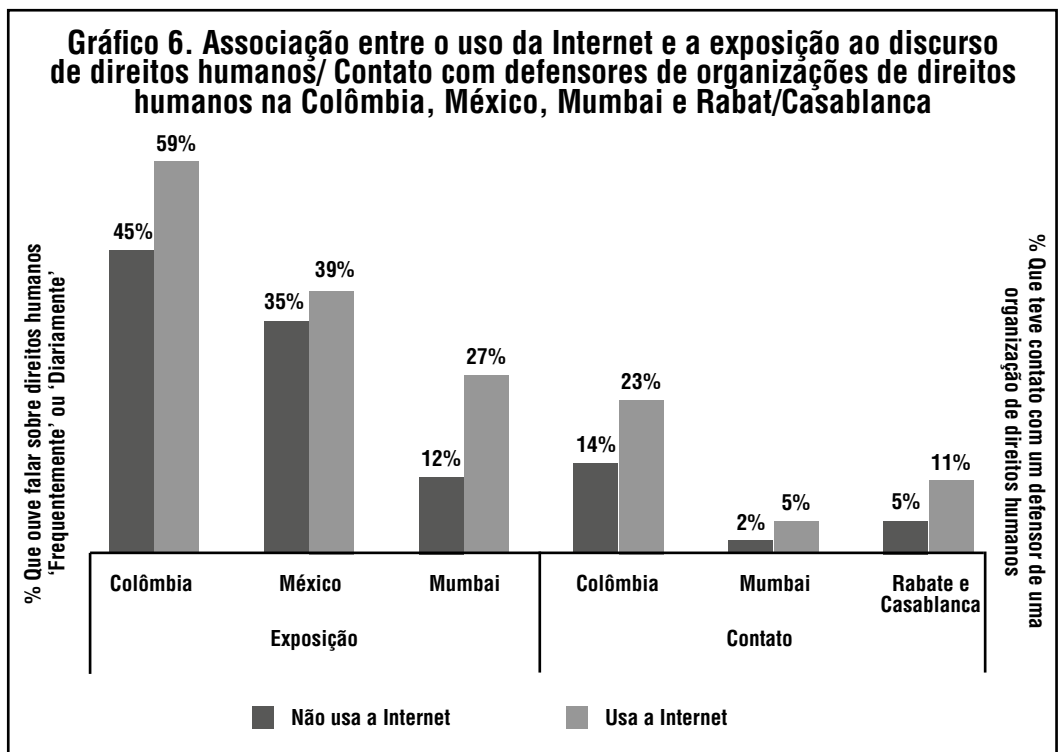
As três colunas da direita no Gráfico 5, acima da categoria “Contato”, correspondem à associação da educação com a probabilidade do **entrevistado ter tido contato** com um defensor da área de direitos humanos. Essa associação é mais pronunciada em Rabat/Casablanca (três colunas mais à direita), onde a variação do mínimo até o máximo na faixa de educação está associada a um aumento da probabilidade do **entrevistado ter tido contato** com um defensor de direitos humanos de dois a 24 por cento. A associação é mais modesta, mas ainda assim importante, na Colômbia (as três colunas mais à esquerda na seção de “Contatos”, que passam de oito por cento para aproximadamente 21 por cento) e no México (três colunas centrais em “Contato”, que aumentam de 4 por cento para aproximadamente 15 por cento).



### 3.3 *Uso de Internet*

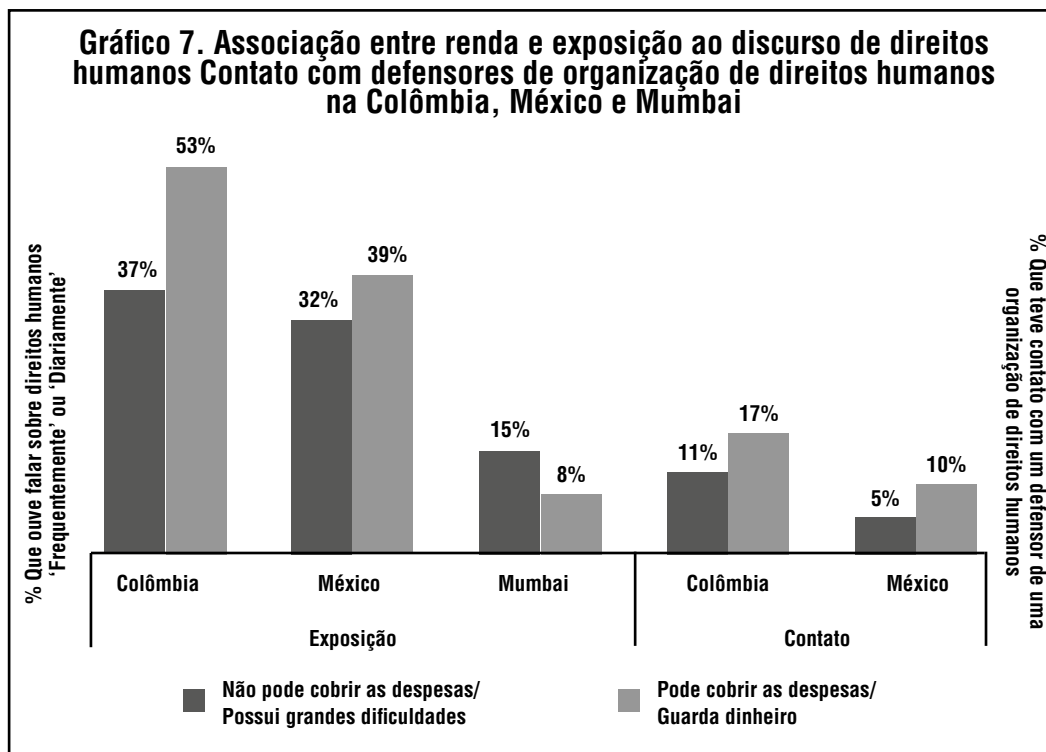
O Gráfico 6 mostra as probabilidades estimadas de **exposição** e de **contato** dos entrevistados que são usuários da Internet (coluna cinza escuro) e aqueles que não são usuários (coluna cinza claro). A associação positiva com a **exposição dos entrevistados** é maior em Mumbai, onde 27 por cento dos usuários de Internet ouvem falar sobre direitos humanos frequentemente, em comparação com apenas 12 por cento dos que não são usuários de Internet. Na Colômbia, 59 por cento dos usuários de Internet são expostos frequentemente ao discurso de direitos humanos, em comparação com 45 por cento daqueles que não usam a Internet. A diferença no México é menor, mas ainda significativa estatisticamente, de 39 por cento *versus* 35 por cento.

Os dados mostram uma associação positiva entre o **uso de Internet** e o **contato dos entrevistados** com defensores de direitos humanos. Na Colômbia, as chances de um entrevistado ter tido **contato pessoal** com um defensor de direitos humanos aumenta com o uso da Internet, de 14 a 23 por cento, enquanto que em Rabat/Casablanca e Mumbai isso mais do que dobra.



### 3.4 *Renda*

O Gráfico 7 mostra a associação de **exposição** e **contato do entrevistado** com sua renda. Avaliamos a dimensão desses efeitos, comparando os que estão no topo e na base da nossa escala de renda estimada. Na Colômbia, aqueles que “não



podem cobrir as despesas” e têm “grandes dificuldades econômicas” (colunas cinza escuro) têm uma chance de 37 por cento de ter ouvido falar de direitos humanos frequentemente (mais à esquerda, coluna cinza escuro acima do título da categoria “Exposição”) e uma chance de 11 por cento de ter conhecido um defensor de direitos humanos (mais à esquerda, coluna cinza escuro acima da categoria “Contato”). Estes números sobem, respectivamente, para 53 por cento e 17 por cento para os colombianos cuja renda lhes permite “cobrir as despesas e economizar” (colunas cinza claro à direita das colunas cinza escuro que representam aqueles que “não podem cobrir despesas/ têm grandes dificuldades”).

No México, essas mesmas correlações são estatisticamente significativas, embora de forma menos dramática. Os mexicanos mais pobres têm uma **taxa de exposição aos direitos humanos** de 32 por cento (segunda coluna cinza escuro, da esquerda para a direita), bem como uma **taxa de contato pessoal** de 5 por cento (barra cinza escuro mais à direita). Os mexicanos com maior renda, pelo contrário, têm maior exposição e maiores taxas pessoais de contato (39 e 10 por cento, respectivamente, como mostra a segunda coluna cinza claro da esquerda para a direita e a coluna cinza claro mais à direita).

No entanto, em Mumbai a exposição ao termo “direitos humanos” *diminui* conforme a renda (duas colunas acima da categoria “Mumbai”). Os dados sugerem que as pessoas mais abastadas financeiramente que vivem em Mumbai e em seus arredores ouviram direitos humanos “frequentemente” cerca de sete pontos percentuais menor do que os mais pobres. Surpreendentemente, os ativistas e as

mensagens de direitos humanos circulam com maior frequência entre as classes mais baixas nesta parte da Índia. Embora este resultado individual não prejudique nosso argumento geral, ele sugere que algo muito diferente está acontecendo naquele contexto.

### *3.5 Residência urbana*

Por fim, a residência urbana tende, em geral, a ser associada com uma maior **exposição e contato por parte dos entrevistados**. Moradores de cidades no México, por exemplo, são mais propensos a ouvir sobre direitos humanos frequentemente (39 por cento) e de ter conhecido um defensor de direitos humanos (12 por cento) do que seus contrerrâneos rurais (35 e 7 por cento, respectivamente). De modo similar, os entrevistados de Mumbai das áreas urbanas têm maiores taxas de **exposição** (18 por cento) do que os moradores rurais de Marathi (12 por cento).

Mais uma vez, no entanto, existem algumas diferenças intrigantes. Na Colômbia, por exemplo, os moradores rurais entrevistados têm maior **exposição** do que os moradores de cidades (45 a 38 por cento). A explicação pode estar ligada à guerra contra as drogas na Colômbia, campanhas de contrainsurgência e violações de direitos inerentes, muitas das quais ocorreram em zonas rurais. Mais uma vez, este resultado contraintuitivo nos lembra que a coleta cuidadosa de dados específicos por país é vital.

Não obstante, estas duas exceções, a relação positiva entre o status socioeconômico e a familiaridade com os direitos humanos é um resultado geral importante, significativo a diferentes medidas de familiaridade (como a **exposição do entrevistado e o contato pessoal do entrevistado**) e o seu status socioeconômico (educação, renda, uso de Internet e residência urbana).

### *3.6 Variáveis de controle*

Nossas duas variáveis de controle, idade e sexo, também são estatisticamente significativas, em certas circunstâncias. Os homens são mais propensos do que as mulheres a ouvir frequentemente o termo “direitos humanos” na Colômbia e em Mumbai (ver Tabela 2), enquanto que as taxas de **contato pessoal** com defensores de direitos humanos aumentam com a idade no México e no Marrocos. Ademais, na Colômbia a **exposição dos entrevistados** aumenta com a idade.

## **4 Discussão**

As Pesquisas sobre Percepções de Direitos Humanos mostram que pessoas comuns de diferentes regiões, divisões linguísticas, religiões e tradições coloniais ouvem frequentemente o termo “direitos humanos”. No entanto, o contato pessoal com os ativistas de direitos humanos é muito menos frequente. Os dados também mostram que tanto a doutrina e os mensageiros de direitos humanos circulam com mais frequência entre os entrevistados mais ricos, mais instruídos e com mais acesso à Internet. Embora essa descoberta possa desapontar ativistas de direitos

humanos que queiram ser solidários com os mais necessitados, ela não deve ser surpreendente. Afinal, muitos pesquisadores já suspeitavam disso, embora, até o momento, nenhum tenha fornecido evidências sistemáticas.

É claro que não há razão para acreditar que a maior familiaridade com os direitos humanos garante boas ações e intenções. Embora nosso estudo mostre que as elites estão mais expostas aos termos e ativistas de direitos humanos do que as classes mais pobres, as elites também são a fonte de muitos problemas persistentes de direitos humanos. Nosso estudo não afirma que a familiaridade com os direitos humanos muda comportamentos para melhor. Segundo nossa perspectiva, a questão mais importante é a representação. Se a familiaridade com termos e ativistas de direitos humanos diminui com a condição socioeconômica, o argumento das organizações de direitos humanos de que elas representam os pobres e sem poder é enfraquecido drasticamente. Não é possível argumentar ser “representante” de pessoas que nunca conheceram o seu representante ou que raramente ouviram a mensagem de seu representante.

Os grupos de direitos humanos devem buscar representar os pobres? A questão vai ao cerne de muitos debates de longa data. Alguns encaram o movimento de direitos humanos como elitista, argumentando que a principal missão dos grupos de direitos humanos é, e deve ser, dar apoio às reformas de grande escala, muitas vezes, de natureza técnica, política e legalista (GONZÁLEZ, 2013). Se isto for verdade, a comparativamente baixa familiaridade com os direitos humanos entre aqueles de origens socioeconômicas mais baixas oferece poucos motivos de preocupação; as elites são o verdadeiro público-alvo. Outros sugerem ainda que a principal contribuição dos grupos de direitos humanos é de servir como conectores a comunidades de base, ativistas e elites (ANSOLABEHERE, 2013; GALLAGHER, 2013). Segundo este ponto de vista, a atividade de direitos humanos não é um concurso de popularidade, mas sim um esforço de *networking* nos bastidores que promove à distância os interesses dos grupos marginalizados.

No entanto, para outros, o papel adequado dos grupos de direitos humanos deve ser o de representar e ser solidário com os pobres. Por exemplo, essa é a visão daqueles que discutem a “abordagem ao desenvolvimento baseada nos direitos”, uma visão que ganhou muita força política recentemente (KINDORNAY; RON; CARPINTEIRO, 2012). Ela também é popular entre aqueles preocupados com a promoção de direitos humanos como uma forma de ativismo voltado às massas, em vez de uma prática profissional política e de defesa legal (BANYA, 2013; BROWNE; DONNELLY, 2013; ZIV, 2013). Analistas e ativistas desse tipo ficarão preocupados com os resultados desta pesquisa, e talvez poderão usá-los para pressionar os grupos de direitos a estabelecer mais e melhor contato com populações mais pobres e mais amplas.

É claro, é possível que os grupos de direitos humanos desempenhem os dois papéis, trabalhando tanto com as elites e com as pessoas de origens socioeconômicas mais modestas (AZZAM, 2014). Ainda assim, se quiserem que seus pedidos de representatividade tenham legitimidade, os ativistas de direitos humanos devem expandir seu alcance e se envolver mais a sério, amplamente e genuinamente com as pessoas comuns. Estes esforços de divulgação devem proteger contra as abordagens condescendentes, de capital estrangeiro e verticais que foram descritas



tão assustadoramente por antropólogos críticos, como Harry Englund (ENGLUND, 2006). Fazer contato com os pobres não pode ser reduzido a uma planilha de desenvolvimento, em que visitas inúteis às comunidades rurais e aos bairros pobres são preenchidas para satisfazer financiadores.

Para garantir que o envolvimento com pessoas comuns seja positivo e genuíno, os grupos de direitos humanos devem recrutar mais voluntários e membros ativos e aumentar a sua capacidade de mobilizar recursos entre os indivíduos e as comunidades mais simples (ASHRAF 2014; SURESH 2014). Maiores representação de direitos humanos e familiaridade entre os pobres serão reforçadas por uma abordagem de orientação mais popular para a mobilização de recursos (RON; PANDYA, 2013).

## REFERÊNCIAS

---

### Bibliografia e outras fontes

- AN-NA'IM, Abdullahi. 2000. Problems of Dependency: Human Rights Organizations in the Arab World, An Interview with Abdullahi An-Na'im. *Middle East Report*, Washington, DC, v. 214, p. 20-47, Sept.
- ANAYA MUÑOZ, Alejandro. 2009. Transnational and Domestic Processes in the Definition of Human Rights Policies in Mexico. *Human Rights Quarterly*, Baltimore, v. 31, n. 1, p. 35-58, Feb.
- ANSOLABEHRE, Karina. 2013. Reforming and transforming: a multi-directional investigation of human rights. *openDemocracy*, openGlobalRights [online], 4 Dec. Disponível em: <<http://www.opendemocracy.net/openglobalrights/karina-ansolabehre/reforming-and-transforming-multi-directional-investigation-of-h>>. Último acesso em: 7 mar. 2014.
- ASHRAF, Ajaz. 2014. To raise funds, Indian rights groups must emulate the country's newest political party. *openDemocracy*, openGlobalRights [online], 28 Jan. Disponível em: <<http://www.opendemocracy.net/openglobalrights/ajaz-ashraf/to-raise-funds-indian-rights-groups-must-emulate-country-s-newest-polit>>. Último acesso em: 4 abr. 2014.
- AZZAM, Fateh. 2014. In defense of "professional" human rights organizations. *openDemocracy*, openGlobalRights [online], 13 Jan. Disponível em: <<http://www.opendemocracy.net/openglobalrights/fateh-azzam/in-defense-of-professional-human-rights-organizations>>. Último acesso em: 4 abr. 2014.
- BANYA, Moiyattu. 2013. Human Rights for Whom? A Closer Look at Elitism and Women's Rights in Africa. *openDemocracy*, openGlobalRights [online], 17 Jan. Disponível em: <<https://www.opendemocracy.net/openglobalrights/moiyattu-banya/human-rights-for-whom-closer-look-at-elitism-and-women-s-rights-in-a>>. Último acesso em: 22 jul. 2014.

- BROWNE, Nicola; DONNELLY, Dessie. 2013. Making Human Rights Matter to the Marginalised. **openDemocracy**, openGlobalRights [online], 17 Jan. Disponível em: <<https://www.opendemocracy.net/openglobalrights/nicola-browne-dessie-donnelly/making-human-rights-matter-to-marginalised>>. Último acesso em: 22 jul. 2014.
- BRYSK, Alison. 2009. Communicative action and human rights in Colombia: When words fail. **Colombia Internacional**, Bogotá, v. 69, p. 36-49, Jan./Jun.
- CALHOUN, Craig. 2002. The Class Consciousness of Frequent Travelers: Toward a Critique of Actually Existing Cosmopolitanism. **South Atlantic Quarterly**. Vol. 101, p. 871-897.
- CMIEL, Kenneth. 2004. The Recent History of Human Rights. **American Historical Review**. Vol. 109, p. 117-135.
- ENGLUND, Harri. 2006. **Prisoners of Freedom: Human Rights and the African Poor**. Berkeley, CA: University of California Press.
- FANON, Franz. 2005. **The Wretched of the Earth**. Grove Press.
- GALLAGHER, Janice. 2013. Neither elites nor masses: protecting human rights in the real world. **openDemocracy**, openGlobalRights [online], 17 Dec. Disponível em: <<http://www.opendemocracy.net/openglobalrights/janice-gallagher/neither-elites-nor-masses-protecting-human-rights-in-real-world>>. Último acesso em: 7 mar. 2014.
- GUDAVARTHY, Ajay. 2008. Human Rights Movements in India: State, Civil Society and Beyond. **Contributions to Indian Sociology**, Thousand Oaks, v. 42, n. 1, p. 29-57, Apr.
- HAFNER-BURTON, Emilie.; RON, James. 2009. Seeing Double: Human Rights Impact through Qualitative and Quantitative Eyes. **World Politics**. Princeton, NJ, v. 61, p. 360-401.
- HOPGOOD, Stephen. 2013. **The Endtimes of Human Rights**. Ithaca: Cornell University Press.
- HUBER, Evelyne; RUESCHEMEYER, Dietrich; STEPHENS, John D. 1993. The Impact of Economic Development on Democracy. **Journal of Economic Perspectives**, Nashville, TN, v. 7, n. 3, p. 71-85, Summer.
- HUMAN RIGHTS WATCH. 2012. **World Report 2012: Colombia**. New York. Disponível em: <<http://www.hrw.org/world-report-2012/colombia>>. Último acesso em: 7 mar. 2014.
- INTERNATIONAL CRISIS GROUP. 2013. Peña Nieto's Challenge: Criminal Cartels and Rule of Law in Mexico. **Latin America Report**, Brussels, n. 48, 19 mar. Disponível em: <<http://www.crisisgroup.org/-/media/Files/latin-america/mexico/048-pena-nietos-challenge-criminal-cartels-and-rule-of-law-in-mexico.pdf>>. Último acesso em: 7 mar. 2014.
- JHA, Munmun. 2003. Nehru and Civil Liberties in India. **International Journal of Human Rights**, London, v. 7, n. 3, p. 103-115, Oct.

- KHAN, Irene; PETRASEK, David. 2009. **The Unheard Truth: Poverty and Human Rights**. New York: W.W. Norton & Co.
- KINDORNAY, S.; RON, J.; CARPENTER, R.C. 2012. The Rights-Based Approach to Development: Implications for NGOs. **Human Rights Quarterly**, Baltimore, v. 34, n. 2, p. 472-506, May.
- LIPSET, Seymour M. 1959. Some Social Requisites of Democracy: Economic Development and Political Legitimacy. **American Political Science Review**, Washington, DC, v. 53, n. 1, p. 69-105, Mar.
- MAMDANI, Mahmood. 1996. **Citizen and Subject: Contemporary Africa and the Legacy of Late Colonialism**. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- MILLS, Charles W. 2000. **The Power Elite**. New York: Oxford University Press.
- MOYN, Samuel. 2010. **The Last Utopia: Human Rights in History**. Cambridge, MA: Belknap Press.
- MUTUA, Makau. 1996. The Ideology of Human Rights. **Virginia Journal of International Law**, Charlottesville, VA, v. 36, p. 589-657.
- \_\_\_\_\_. 2001. Savages, Victims and Saviors: The Metaphor of Human Rights. **Harvard International Law Journal**, Cambridge, MA, v. 42, p. 201-245.
- GONZÁLEZ O., Ezequiel. 2013. Speaking with an elite accent: human rights and the “masses.” **openDemocracy**, openGlobalRights [online], 20 Nov. Disponível em: <<http://www.opendemocracy.net/openglobalrights/ezequiel-gonzález-ocantos/speaking-with-elite-accent-human-rights-and-masses>>. Último acesso em: 7 mar. 2014.
- ODINKALU, Chidi A. 1999. Why More Africans Don't Use Human Rights Language. **Carnegie Council**, Human Rights Dialogue, v. 2, n. 1, 5 Dec. Disponível em: <[http://www.carnegiecouncil.org/publications/archive/dialogue/2\\_01/articles/602.html](http://www.carnegiecouncil.org/publications/archive/dialogue/2_01/articles/602.html)>. Último acesso em: 7 mar. 2014.
- OIDHACO. 2013. International Office for Human Rights Action on Colombia. **Associated Platforms in Colombia**. Bruxelas, Bélgica, Website. Disponível em: <<http://www.oidhaco.org/?cat=1006&lang=en>>. Último acesso em: 7 mar. 2014.
- OKAFOR, Obionara C. 2006. **Legitimizing Human Rights NGOs: Lessons from Nigeria**. Trenton, NJ: Africa World Press.
- RAY, Aswini K. 2003. Human Rights Movement in India: A Historical Perspective. **Economic and Political Weekly**, Mumbai, v. 38, n. 32, p. 3409-3415, Aug.
- ROBINSON, Mary. 2005. What rights can add to good development practice. In: ALSTON, Philip; ROBINSON, Mary. (Org.). **Human Rights and Development: Towards Mutual Reinforcement**. New York: Oxford University Press. p. 25-44.
- RON, J.; CROW, D. forthcoming. Who Trusts Local Human Rights Organizations? Evidence from Three World Regions. **Human Rights Quarterly**, Baltimore, 10 Mar.

- RON, James; GOLDEN, Shannon. 2013. **Growing Local Roots?** The Human Rights Sector in Morocco. Minneapolis, University Minnesota, Oct. Disponível em: <<http://jamesron.com/documents/FinalMoroccoReport.pdf>>. Último acesso em: 7 mar. 2014.
- RON, James; PANDYA, Archana. 2013. Universal values, foreign money: local human rights organizations in the Global South. **openDemocracy**, openGlobalRights [online], 13 Nov. Disponível em: <<http://www.opendemocracy.net/openglobalrights/james-ron-archana-pandya/universal-values-foreign-money-local-human-rights-organiza>>. Último acesso em: 4 abr. 2014.
- RON, James; RAMOS, Howard; RODGERS, Kathleen. Transnational Information Politics: NGO Human Rights Reporting, 1986-2000. **International Studies Quarterly**. Vol. 49, p. 557-588.
- SLYOMOVICS, Susan. 2005. **The Performance of Human Rights in Morocco**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- SURESH, V. 2014. Funds and civil liberties. **openDemocracy**, openGlobalRights [online], 6 Jan. Disponível em: <<http://www.opendemocracy.net/openglobalrights/v-suresh/funds-and-civil-liberties>>. Último acesso em: 4 abr. 2014.
- WORLD PUBLIC OPINION. 2008. **World Public Opinion and the Universal Declaration of Human Rights**. Washington, DC: Global Public Opinion on International Affairs, worldpublicopinion.org. Disponível em: <[http://www.worldpublicopinion.org/pipa/pdf/dec08/WPO\\_UDHR\\_Dec08\\_rpt.pdf](http://www.worldpublicopinion.org/pipa/pdf/dec08/WPO_UDHR_Dec08_rpt.pdf)>. Último acesso em: 7 mar. 2014.
- ZIV, Hadas. 2013. “Human Rights” must join activists in social struggle. **openDemocracy**, openGlobalRights [online], 11 Jul. Disponível em: <<http://www.opendemocracy.net/openglobalrights/hadas-ziv/%E2%80%98human-rights%E2%80%99-must-join-activists-in-social-struggle>>. Último acesso em: 7 mar. 2014.

## NOTAS

---

1. Os relatórios e os dados da pesquisa *Americas and the World* estão disponíveis gratuitamente online no link: <<http://lasamericasyelmundo.cide.edu>>. Último acesso em: 21 jul. 2014.

2. Adaptamos essa pergunta às peculiaridades do sistema de cada país.

3. Utilizamos as medidas de renda monetária tradicionais, porém elas são propensas a erro.

**SUR 1**, v. 1, n. 1, Jun. 2004

EMILIO GARCÍA MÉNDEZ

Origem, sentido e futuro dos direitos humanos: Reflexões para uma nova agenda

FLAVIA PIOVESAN

Direitos sociais, econômicos e culturais e direitos civis e políticos

OSCAR VILHENA VIEIRA E A. SCOTT DUPREE

Reflexões acerca da sociedade civil e dos direitos humanos

JEREMY SARKIN

O advento das ações movidas no Sul para reparação por abusos dos direitos humanos

VINODH JAICHAND

Estratégias de litígio de interesse público para o avanço dos direitos humanos em sistemas domésticos de direito

PAUL CHEVIGNY

A repressão nos Estados Unidos após o atentado de 11 de setembro

SERGIO VIEIRA DE MELLO

Apenas os Estados-membros podem fazer a ONU funcionar Cinco questões no campo dos direitos humanos

**SUR 2**, v. 2, n. 2, Jun. 2005

SALIL SHETTY

Declaração e Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: Oportunidades para os direitos humanos

FATEH AZZAM

Os direitos humanos na implementação dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

RICHARD PIERRE CLAUDE

Direito à educação e educação para os direitos humanos

JOSÉ REINALDO DE LIMA LOPES

O direito ao reconhecimento para gays e lésbicas

E.S. NWAUCHE E J.C. NWOBIKE

Implementação do direito ao desenvolvimento

STEVEN FREELAND

Direitos humanos, meio ambiente e conflitos: Enfrentando os crimes ambientais

FIONA MACAULAY

Parcerias entre Estado e sociedade civil para promover a segurança do cidadão no Brasil

EDWIN REKOSH

Quem define o interesse público?

VÍCTOR E. ABRAMOVICH

Linhas de trabalho em direitos econômicos, sociais e culturais: Instrumentos e aliados

**SUR 3**, v. 2, n. 3, Dez. 2005

CAROLINE DOMMEN

Comércio e direitos humanos: rumo à coerência

CARLOS M. CORREA

O Acordo TRIPS e o acesso a medicamentos nos países em desenvolvimento

BERNARDO SORJ

Segurança, segurança humana e América Latina

ALBERTO BOVINO

A atividade probatória perante a Corte Interamericana de Direitos Humanos

NICO HORN

Eddie Mabo e a Namíbia: Reforma agrária e direitos pré-coloniais à posse da terra

NLERUM S. OKOGBULE

O acesso à justiça e a proteção aos direitos humanos na Nigéria: Problemas e perspectivas

MARÍA JOSÉ GUEMBE

Reabertura dos processos pelos crimes da ditadura militar argentina

JOSÉ RICARDO CUNHA

Direitos humanos e justiça: Pesquisa no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro

LOUISE ARBOUR

Plano de ação apresentado pela Alta Comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos

**SUR 4**, v. 3, n. 4, Jun. 2006

FERNANDE RAINE

O desafio da mensuração nos direitos humanos

MARIO MELO

Últimos avanços na justiça dos direitos indígenas no Sistema Interamericano de Direitos Humanos

ISABELA FIGUEROA

Povos indígenas versus petrolíferas: Controle constitucional na resistência

ROBERT ARCHER

Os pontos positivos de diferentes tradições: O que se pode ganhar e o que se pode perder combinando direitos e desenvolvimento?

J. PAUL MARTIN

Releitura do desenvolvimento e dos direitos: Lições da África

MICHELLE RATTON SANCHEZ

Breves considerações sobre os mecanismos de participação para ONGs na OMC

JUSTICE C. NWOBIKE

Empresas farmacêuticas e acesso a medicamentos nos países em desenvolvimento: O caminho a seguir

CLÓVIS ROBERTO ZIMMERMANN

Os programas sociais sob a ótica dos direitos humanos: O caso da Bolsa Família do governo Lula no Brasil

CHRISTOF HEYNS, DAVID PADILLA E LEO ZWAAK

Comparação esquemática dos sistemas regionais e direitos humanos: Uma atualização

RESENHA

**SUR 5**, v. 3, n. 5, Dez. 2006

CARLOS VILLAN DURAN

Luzes e sombras do novo Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas

PAULINA VEGA GONZÁLEZ

O papel das vítimas nos procedimentos perante o Tribunal Penal Internacional: seus direitos e as primeiras decisões do Tribunal

OSWALDO RUIZ CHIRIBOGA

O direito à identidade cultural dos povos indígenas e das minorias nacionais: um olhar a partir do Sistema Interamericano

LYDIAH KEMUNTO BOSIRE

Grandes promessas, pequenas realizações: justiça transicional na África Subsaariana

DEVIKA PRASAD

Fortalecendo o policiamento democrático e a responsabilização na Commonwealth do Pacífico

IGNACIO CANO

Políticas de segurança pública no Brasil: tentativas de modernização e democratização versus a guerra contra o crime

TOM FARER

Rumo a uma ordem legal internacional efetiva: da coexistência ao consenso?

RESENHA

**SUR 6**, v. 4, n. 6, Jun. 2007

UPENDRA BAXI

O Estado de Direito na Índia

OSCAR VILHENA VIEIRA

A desigualdade e a subversão do Estado de Direito

**RODRIGO UPRIMNY YEPES**

A judicialização da política na Colômbia: casos, potencialidades e riscos

**LAURA C. PAUTASSI**

Há igualdade na desigualdade? Abrangência e limites das ações afirmativas

**GERT JONKER E RIKA SWANZEN**

Serviços de intermediação para crianças-testemunhas que depõem em tribunais criminais da África do Sul

**SERGIO BRANCO**

A lei autoral brasileira como elemento de restrição à eficácia do direito humano à educação

**THOMAS W. POGGE**

Para erradicar a pobreza sistêmica: em defesa de um Dividendo dos Recursos Globais

**SUR 7, v. 4, n. 7, Dez. 2007**

**LUCIA NADER**

O papel das ONGs no Conselho de Direitos Humanos da ONU

**CECÍLIA MACDOWELL SANTOS**

Ativismo jurídico transnacional e o Estado: reflexões sobre os casos apresentados contra o Brasil na Comissão Interamericana de Direitos Humanos

**JUSTIÇA TRANSICIONAL**

**TARA URS**

Vozes do Camboja: formas locais de responsabilização por atrocidades sistemáticas

**CECILY ROSE E FRANCIS M. SSEKANDI**

A procura da justiça transicional e os valores tradicionais africanos: um choque de civilizações – o caso de Uganda

**RAMONA VIJEYARASA**

Verdade e reconciliação para as “gerações roubadas”: revisitando a história da Austrália

**ELIZABETH SALMÓN G.**

O longo caminho da luta contra a pobreza e seu alentador encontro com os direitos humanos

**ENTREVISTA COM JUAN MÉNDEZ**

Por Glenda Mezarobba

**SUR 8, v. 5, n. 8, Jun. 2008**

**MARTÍN ABREGÚ**

Direitos humanos para todos: da luta contra o autoritarismo à construção de uma democracia inclusiva - um olhar a partir da Região Andina e do Cone Sul

**AMITA DHANDA**

Construindo um novo léxico dos direitos humanos: Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiências

**LAURA DAVIS MATTAR**

Reconhecimento jurídico dos direitos sexuais – uma análise comparativa com os direitos reprodutivos

**JAMES L. CAVALLARO E STEPHANIE ERIN BREWER**

O papel da litigância para a justiça social no Sistema Interamericano

**DIREITO À SAÚDE E ACESSO A MEDICAMENTOS**

**PAUL HUNT E RAJAT KHOSLA**

Acesso a medicamentos como um direito humano

**THOMAS POGGE**

Medicamentos para o mundo: incentivando a inovação sem obstruir o acesso livre

**JORGE CONTESSE E DOMINGO LOVERA PARMO**

Acesso a tratamento médico para pessoas vivendo com HIV/AIDS: êxitos sem vitória no Chile

**GABRIELA COSTA CHAVES, MARCELA FOGAÇA VIEIRA E RENATA REIS**

Acesso a medicamentos e propriedade intelectual no Brasil: reflexões e estratégias da sociedade civil

**SUR 9, v. 5, n. 9, Dez. 2008**

**BARBORA BUK OVSKÁ**

Perpetrando o bem: as consequências não desejadas da defesa dos direitos humanos

**JEREMY SARKIN**

Prisões na África: uma avaliação da perspectiva dos direitos humanos

**REBECCA SAUNDERS**

Sobre o intraduzível: sofrimento humano, a linguagem de direitos humanos e a Comissão de Verdade e Reconciliação da África do Sul

**SESSENTA ANOS DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE DIREITOS HUMANOS**

**PAULO SÉRGIO PINHEIRO**

Os sessenta anos da Declaração Universal: atravessando um mar de contradições

**FERNANDA DOZ COSTA**

Pobreza e direitos humanos: da mera retórica às obrigações jurídicas - um estudo crítico sobre diferentes modelos conceituais

**EITAN FELNER**

Novos limites para a luta pelos direitos econômicos e sociais? Dados quantitativos como instrumento para a responsabilização por violações de direitos humanos

**KATHERINE SHORT**

Da Comissão ao Conselho: a Organização das Nações Unidas conseguiu ou não criar um organismo de direitos humanos confiável?

**ANTHONY ROMERO**

Entrevista com Anthony Romero, Diretor Executivo da *American Civil Liberties Union* (ACLU)

**SUR 10, v. 6, n. 10, Jun. 2009**

**ANUJ BHUWANIA**

“Crianças muito más”: “Tortura indiana” e o Relatório da Comissão sobre Tortura em Madras de 1855

**DANIELA DE VITO, AISHA GILL E DAMIEN SHORT**

A tipificação do estupro como genocídio

**CHRISTIAN COURTIS**

Anotações sobre a aplicação da Convenção 169 da OIT sobre povos indígenas por tribunais da América Latina

**BENYAM D. MEZMUR**

Adoção internacional como medida de último recurso na África: promover os direitos de uma criança ao invés do direito a uma criança

**DIREITOS HUMANOS DAS PESSOAS EM MOVIMENTO: MIGRANTES E REFUGIADOS**

**KATHARINE DERDERIAN E LIESBETH SCHOCKAERT**

Respostas aos fluxos migratórios mistos: Uma perspectiva humanitária

**JUAN CARLOS MURILLO**

Os legítimos interesses de segurança dos Estados e a proteção internacional de refugiados

**MANUELA TRINDADE VIANA**

Cooperação internacional e deslocamento interno na Colômbia: Desafios à maior crise humanitária da América do Sul

**JOSEPH AMON E KATHERINE TODRYS**

Acesso de populações migrantes a tratamento antiretroviral no Sul Global

**PABLO CERIANI CERNADAS**

Controle migratório europeu em território africano: A omissão do caráter extraterritorial das obrigações de direitos humanos

**SUR 11**, v. 6, n. 11, Dez. 2009

VÍCTOR ABRAMOVICH

Das Violações em Massa aos Padrões Estruturais: Novos Enfoques e Clássicas Tensões no Sistema Interamericano de Direitos Humanos

VIVIANA BOHÓRQUEZ  
MONSALVE E JAVIER AGUIRRE  
ROMÁN

As Tensões da Dignidade Humana: Conceituação e Aplicação no Direito Internacional dos Direitos Humanos

DEBORA DINIZ, LÍVIA BARBOSA  
E WEDERSON RUFINO DOS  
SANTOS

Deficiência, Direitos Humanos  
e Justiça

JULIETA LEMAITRE RIPOLL

O Amor em Tempos de Cólera:  
Direitos LGBT na Colômbia

**DIREITOS ECONÔMICOS,  
SOCIAIS E CULTURAIS**

MALCOLM LANGFORD

Judicialização dos Direitos  
Econômicos, Sociais e Culturais  
no Âmbito Nacional: Uma Análise  
Socio-Jurídica

ANN BLYBERG

O Caso da Alocação Indevida:  
Direitos Econômicos e Sociais e  
Orçamento Público

ALDO CALIARI

Comércio, Investimento,  
Financiamento e Direitos Humanos:  
Avaliação e Estratégia

PATRICIA FEENEY

A Luta por Responsabilidade das  
Empresas no Âmbito das Nações  
Unidas e o Futuro da Agenda de  
Advocacy

**COLÓQUIO INTERNACIONAL  
DE DIREITOS HUMANOS**

Entrevista com Rindai Chipfunde-  
Vava, Diretora da Zimbabwe  
Election Support Network (ZESN)

Relatório sobre o IX Colóquio  
Internacional de Direitos Humanos

**SUR 12**, v. 7, n. 12, Jun. 2010

SALIL SHETTY

Prefácio

FERNANDO BASCH ET AL.

A Eficácia do Sistema  
Interamericano de Proteção  
de Direitos Humanos: Uma  
Abordagem Quantitativa sobre  
seu Funcionamento e sobre o  
Cumprimento de suas Decisões

RICHARD BOURNE

*Commonwealth of Nations:*

Estratégias Intergovernamentais  
e Não-governamentais para a  
Proteção dos Direitos Humanos em  
uma Instituição Pós-colonial

**OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO  
DO MILÊNIO**

ANISTIA INTERNACIONAL

Combatendo a Exclusão: Por que os  
Direitos Humanos São Essenciais  
para os ODMs

VICTORIA TAULI-CORPUZ

Reflexões sobre o Papel do Forum  
Permanente sobre Questões  
Indígenas das Nações Unidas  
em relação aos Objetivos de  
Desenvolvimento do Milênio

ALICIA ELY YAMIN

Rumo a uma Prestação de Contas  
Transformadora: Uma Proposta  
de Enfoque com base nos Direitos  
Humanos para Dar Cumprimento às  
Obrigações Relacionadas à Saúde  
Materna

SARAH ZAIDI

Objetivo 6 do Desenvolvimento  
do Milênio e o Direito à Saúde:  
Contraditórios ou Complementares?

MARCOS A. ORELLANA

Mudança Climática e os Objetivos  
de Desenvolvimento do Milênio:  
O Direito ao Desenvolvimento,  
Cooperação Internacional e o  
Mecanismo de Desenvolvimento  
Limpo

**RESPONSABILIDADE DAS  
EMPRESAS**

LINDIWE KNUTSON

O Direito das Vítimas do *apartheid*  
a Requerer Indenizações de  
Corporações Multinacionais é  
Finalmente Reconhecido por  
Tribunais dos EUA?

DAVID BILCHITZ

O Marco Ruggie: Uma Proposta  
Adequada para as Obrigações de  
Direitos Humanos das Empresas?

**SUR 13**, v. 7, n. 13, Dez. 2010

GLENDA MEZAROBBA

Entre Reparações, Meias Verdades  
e Impunidade: O Difícil Rompimento  
com o Legado da Ditadura no Brasil

GERARDO ARCE ARCE

Forças Armadas, Comissão da  
Verdade e Justiça Transicional no  
Peru

**MECANISMOS REGIONAIS DE  
DIREITOS HUMANOS**

FELIPE GONZÁLEZ

As Medidas de Urgência no  
Sistema Interamericano de Direitos  
Humanos

JUAN CARLOS GUTIÉRREZ E  
SILVANO CANTÚ

A Restrição à Jurisdição Militar  
nos Sistemas Internacionais de  
Proteção dos Direitos Humanos

DEBRA LONG E LUKAS MUNTINGH

O Relator Especial Sobre Prisões e  
Condições de Detenção na África e o  
Comitê para Prevenção da Tortura  
na África: Potencial para Sinergia ou  
Inércia?

LUCYLINE NKATHA MURUNGI E  
JACQUI GALLINETTI

O Papel das Cortes Sub-Regionais  
no Sistema Africano de Direitos  
Humanos

MAGNUS KILLANDER

Interpretação dos Tratados  
Regionais de Direitos Humanos

ANTONIO M. CISNEROS  
DE ALENCAR

Cooperação entre Sistemas Global  
e Interamericano de Direitos  
Humanos no Âmbito do Mecanismo  
de Revisão Periódica Universal

**IN MEMORIAM**

Kevin Boyle – Um Elo Forte na  
Corrente Por Borislav Petranov

**SUR 14**, v. 8, n. 14, Jun. 2011

MAURÍCIO ALBARRACÍN  
CABALLERO

Corte Constitucional e Movimentos  
Sociais: O Reconhecimento Judicial  
dos Direitos de Casais do Mesmo  
Sexo na Colômbia

DANIEL VÁZQUEZ E DOMITILLE  
DELAPLACE

Políticas Públicas na Perspectiva de  
Direitos Humanos: Um Campo em  
Construção

J. PAUL MARTIN

Educação em Direitos Humanos em  
Comunidades em Recuperação Após  
Grandes Crises Sociais: Lições para  
o Haiti

**DIREITOS DAS PESSOAS COM  
DEFICIÊNCIA**

LUIS FERNANDO ASTORGA  
GATJENS

Análise do Artigo 33 da Convenção  
da ONU: O Papel Crucial da Im-  
plementação e do Monitoramento  
Nacionais

LETÍCIA DE CAMPOS VELHO  
MARTEL

Adaptação Razoável: O Novo  
Conceito sob as Lentes de Uma  
Gramática Constitucional Inclusiva

MARTA SCHAFF

Negociando Sexualidade na  
Convenção de Direitos das Pessoas  
com Deficiência

TOBIAS PIETER VAN REENEN E  
HELÉNE COMBRINCK

A Convenção da ONU sobre  
os Direitos das Pessoas com  
Deficiência na África: Avanços 5  
Anos Depois

STELLA C. REICHER

Diversidade Humana e Assimetrias:  
Uma Releitura do Contrato Social  
sob a Ótica das Capacidades

PETER LUCAS

A Porta Aberta: Cinco Filmes  
que Marcaram e Fundaram as  
Representações dos Direitos  
Humanos para Pessoas com  
Deficiência

LUIS GALLEGOS CHIRIBOGA

Entrevista com Luis Gallegos  
Chiriboga, Presidente (2002-2005)  
do Comitê *Ad Hoc* que Elaborou a  
Convenção Sobre os Direitos das  
Pessoas com Deficiência

### SUR 15, v. 8, n. 15, Dez. 2011

ZIBA MIR-HOSSEINI

Criminalização da Sexualidade: Leis  
de *Zina* como Violência Contra as  
Mulheres em Contextos Muçulmanos

LEANDRO MARTINS ZANITELLI

Corporações e Direitos Humanos:  
O Debate Entre Voluntaristas  
e Obrigacionistas e o Efeito  
Solapador das Sanções

ENTREVISTA COM DENISE DORA

Responsável pelo Programa de  
Direitos Humanos da Fundação Ford  
no Brasil entre 2000 e 2011

### **IMPLEMENTAÇÃO NO ÂMBITO NACIONAL DAS DECISÕES DOS SISTEMAS REGIONAIS E INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS**

MARIA ISSAEVA,  
IRINA SERGEEVA E MARIA  
SUCHKOVA

Execução das Decisões da Corte  
Europeia de Direitos Humanos  
na Rússia: Avanços Recentes e  
Desafios Atuais

CÁSSIA MARIA ROSATO E  
LUDMILA CERQUEIRA  
CORREIA

Caso *Damião Ximenes Lopes*:  
Mudanças e Desafios Após a  
Primeira Condenação do Brasil pela  
Corte Interamericana de Direitos  
Humanos

DAMIÁN A. GONZÁLEZ-  
SALZBERG

A Implementação das Sentenças da  
Corte Interamericana de Direitos  
Humanos na Argentina: Uma  
Análise do Vaivém Jurisprudencial  
da Corte Suprema de Justiça da  
Nação

MARCIA NINA BERNARDES

Sistema Interamericano de Direitos  
Humanos como Esfera Pública  
Transnacional: Aspectos Jurídicos  
e Políticos da Implementação de  
Decisões Internacionais

### **CADERNO ESPECIAL: CONECTAS DIREITOS HUMANOS - 10 ANOS**

A Construção de uma Organização  
Internacional do/no Sul

### SUR 16, v. 9, n. 16, Jun. 2012

PATRICIO GALELLA E CARLOS  
ESPÓSITO

As *Entregas Extraordinárias*  
na Luta Contra o Terrorismo.  
Desaparecimentos Forçados?

BRIDGET CONLEY-ZILKIC

Desafios para Aqueles que  
Trabalham na Área de Prevenção e  
Resposta ao Genocídio

MARTA RODRIGUEZ DE ASSIS

MACHADO, JOSÉ RODRIGO  
RODRIGUEZ, FLAVIO MARQUES  
PROL, GABRIELA JUSTINO  
DA SILVA, MARINA ZANATA  
GANZAROLI E RENATA DO VALE  
ELIAS

Disputando a Aplicação das Leis: A  
Constitucionalidade da Lei Maria da  
Penha nos Tribunais Brasileiros

SIMON M. WELDEHAIMANOT

A CADHP no Caso *Southern  
Cameroon*

ANDRÉ LUIZ SICILIANO

O Papel da Universalização dos  
Direitos Humanos e da Migração  
na Formação da Nova Governança  
Global

### **SEGURANÇA CIDADÃ E DIREITOS HUMANOS**

GINO COSTA

Segurança Pública e Crime  
Organizado Transnacional nas  
Américas: Situação e Desafios no  
Âmbito Interamericano

MANUEL TUFRÓ

Participação Cidadã, Segurança  
Democrática e Conflito entre  
Culturas Políticas. Primeiras  
Observações sobre uma Experiência  
na Cidade Autônoma de Buenos  
Aires

CELS

A Agenda Atual de Segurança e  
Direitos Humanos na Argentina.  
Uma Análise do *Centro de Estudos  
Legais y Sociales* (CELS)

PEDRO ABRAMOVAY

A Política de Drogas e *A Marcha da  
Insensatez*

VISÕES SOBRE AS UNIDADES DE

POLÍCIA PACIFICADORA (UPPS)  
NO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Rafael Dias – Pesquisador, Justiça  
Global  
José Marcelo Zacchi – Pesquisador-  
associado do Instituto de Estudos  
do Trabalho e Sociedade – IETS

### SUR 17, v. 9, n. 17, dez. 2012

### **DESENVOLVIMENTO E DIREITOS HUMANOS**

CÉSAR RODRÍGUEZ GARAVITO,  
JUANA KWEITEL E LAURA  
TRAJBER WAISBICH

Desenvolvimento e Direitos  
Humanos: Algumas Ideias para  
Reiniciar o Debate

IRENE BIGLINO, CHRISTOPHE  
GOLAY E IVONA TRUSCAN

A Contribuição dos Procedimentos  
Especiais da ONU para o Diálogo  
entre os Direitos Humanos e o  
Desenvolvimento

LUIS CARLOS BUOB CONCHA

Direito à Água: Entendendo  
seus Componentes Econômico,  
Social e Cultural como Fatores de  
Desenvolvimento para os Povos  
Índigenas

ANDREA SCETTINI

Por um Novo Paradigma de  
Proteção dos Direitos dos Povos  
Índigenas: Uma Análise Crítica dos  
Parâmetros Estabelecidos pela Corte  
Interamericana de Direitos Humanos

SERGES ALAIN DJOYOU KAMGA  
E SIYAMBONGA HELEBA

Crescimento Econômico pode  
Traduzir-se em Acesso aos Direitos?  
Desafios das Instituições da África  
do Sul para que o Crescimento  
Conduza a Melhores Padrões de  
Vida

ENTREVISTA COM SHELDON  
LEADER

Empresas Transnacionais  
e Direitos Humanos

ALINE ALBUQUERQUE  
E DABNEY EVANS

Direito à Saúde no Brasil: Um  
Estudo sobre o Sistema de  
Apresentação de Relatórios para  
os Comitês de Monitoramento de  
Tratados

LINDA DARKWA  
E PHILIP ATTUQUAYEFIO

Matando Para Proteger? Guardas  
da Terra, Subordinação do Estado e  
Direitos Humanos em Gana

CRISTINA RÃDOI

A Resposta Ineficaz das  
Organizações Internacionais em  
Relação à Militarização da Vida das  
Mulheres



CARLA DANTAS

Direito de Petição do Indivíduo no Sistema Global de Proteção dos Direitos Humanos

**SUR 18**, v. 10, n. 18, Jun. 2013

**INFORMAÇÃO E DIREITOS HUMANOS**

SÉRGIO AMADEU DA SILVEIRA

Aaron Swartz e as Batalhas pela Liberdade do Conhecimento

ALBERTO J. CERDA SILVA

*Internet Freedom* não é Suficiente: Para uma Internet Fundamentada nos Direitos Humanos

FERNANDA RIBEIRO ROSA

Inclusão Digital como Política Pública: Disputas no Campo dos Direitos Humanos

LAURA PAUTASSI

Monitoramento do Acesso à Informação a Partir dos Indicadores de Direitos Humanos

JO-MARIE BURT E CASEY CAGLEY

Acesso à Informação, Acesso à Justiça: Os Desafios da *Accountability* no Peru

MARISA VIEGAS E SILVA

O Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas: Seis Anos Depois

JÉRÉMIE GILBERT

Direito à Terra como Direito Humano: Argumentos em prol de um Direito Específico à Terra

PÉTALLA BRANDÃO TIMO

Desenvolvimento à Custa de Violações: Impacto de Megaprojetos nos Direitos Humanos no Brasil

DANIEL W. LIANG WANG E OCTAVIO LUIZ MOTTA FERRAZ

Atendendo os mais Necessitados? Acesso à Justiça e o Papel dos Defensores e Promotores Públicos no Litígio Sobre Direito à Saúde na Cidade de São Paulo

OBONYE JONAS

Direitos Humanos, Extradicação e Pena de Morte: Reflexões Sobre o Impasse Entre Botsuana e África Do Sul

ANTONIO MOREIRA MAUÉS

Supralegalidade dos Tratados Internacionais de Direitos Humanos e Interpretação Constitucional

**SUR 19**, v. 10, n. 18, DEZ.. 2013

**POLÍTICA EXTERNA E DIREITOS HUMANOS**

DAVID PETRASEK

Novas potências, novas estratégias? Diplomacia em direitos humanos no século XXI

ADRIANA ERTHAL ABDENUR E DANILO MARCONDES DE SOUZA NETO

Cooperação brasileira para o desenvolvimento na África: Qual o papel da democracia e dos direitos humanos?

CARLOS CERDA DUEÑAS

Limites e avanços na incorporação de normas internacionais de direitos humanos no México a partir da reforma constitucional de 2011

ELISA MARA COIMBRA

Sistema Interamericano de Direitos Humanos: Desafios à implementação das decisões da Corte no Brasil

CONOR FOLEY

A evolução da legitimidade das intervenções humanitárias

DEISY VENTURA

Saúde pública e política externa brasileira

CAMILA LISSA ASANO

Política externa e direitos humanos em países emergentes: Reflexões a partir do trabalho de uma organização do Sul Global

ENTREVISTA COM MAJA DARUWALA (CHRI) E SUSAN WILDING (CIVICUS)

A política externa das democracias emergentes: Qual o lugar dos direitos humanos? Um olhar sobre a Índia e a África do Sul

DAVID KINLEY

Encontrando liberdade na China: Direitos humanos na economia política

LAURA BETANCUR RESTREPO

A promoção e a proteção dos direitos humanos por meio de clínicas jurídicas e sua relação com os movimentos sociais: Conquistas e desafios no caso da objeção de consciência ao serviço militar obrigatório na Colômbia

ALEXANDRA LOPES DA COSTA

Inquisição contemporânea: Uma história de perseguição criminal, exposição da intimidade e violação de direitos no Brasil

ANA CRISTINA GONZÁLEZ VÉLEZ E VIVIANA BOHÓRQUEZ MONSALVE

Estudo de caso da Colômbia: Normas sobre aborto para fazer avançar a agenda do Programa de Ação do Cairo